

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional Programa de Pós-graduação
em Estudos da Ocupação

Paula Lúcia de Moura Pinto

Travessia de uma mulher pesquisadora do ideal para o real: um percurso de escuta sobre o direito à cidade, lazer e cultura de mulheres usuárias de álcool e outras drogas.

Belo Horizonte 2023

Paula Lúcia de Moura Pinto

Travessia de uma mulher pesquisadora do ideal para o real: um percurso de escuta sobre o direito à cidade, lazer e cultura de mulheres usuárias de álcool e outras drogas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Cristiane Miryam Drumond de Brito

Belo Horizonte

2023

P659t
2023

Pinto, Paula Lúcia de Moura

Travessia de uma mulher pesquisadora do ideal para o real: um percurso de escuta sobre o direito à cidade, lazer e cultura de mulheres usuárias de álcool e outras drogas. / Paula Lúcia de Moura Pinto – 2023.

79 f.

Orientadora: Cristiane Miryam Drumond de Brito.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Referências: f. 62-67

Anexos: f. 68-79

1. Mulheres - Teses. 2. Direitos das mulheres. 3. Mulheres - Uso de drogas. 4. Mulheres - Condições sociais. 5. Centro de Referência em Saúde Mental. I. Brito, Cristiane Miryam Drumond de. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título

CDD: 305.4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA OCUPAÇÃO

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA PAULA LUCIA DE MOURA PINTO

Realizou-se, no dia 04 de julho de 2023, às 14:30 horas, Auditório Maria Lúcia Paixão EEEFTO Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 Campus - Pampulha - BH, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada Travessia de uma mulher pesquisadora do ideal para o real: um percurso de escuta sobre o direito à cidade, lazer e cultura de mulheres usuárias de álcool e outras drogas, apresentada por PAULA LUCIA DE MOURA PINTO, número de registro 2020720412, graduada no curso de TERAPIA OCUPACIONAL, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Cristiane Miryam Drumond de Brito - Orientador (UFMG), Prof(a). Jose Luiz Quadros de Magalhaes (UFMG), Prof(a). Ana Regina Machado (Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais).

A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada

() Reprovada

A versão final da dissertação, devidamente corrigida, deverá ser entregue até 60 dias após sua defesa.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 04 de julho de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Prof(a). Cristiane Miryam Drumond de Brito (Doutora)

Prof(a). Jose Luiz Quadros de Magalhaes (Doutor)

Prof(a). Ana Regina Machado (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Miryam Drumond de Brito, Professora do Magistério Superior**, em 05/07/2023, às 20:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Regina Machado, Usuária Externa**, em 05/07/2023, às 21:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Luiz Quadros de Magalhaes, Professor do Magistério Superior**, em 06/07/2023, às 16:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo a todas as mulheres que de alguma forma possibilitaram o acesso a estas, para a construção dessa escrita não apenas pela via da participação ativa nas entrevistas, mas também àquelas que se colocaram inúmeras vezes como escuta sensível nos momentos de desabafos, angústias, nas partilhas de afetos, gargalhadas, presença! Às mulheres que me moldaram, orientaram e seguem orientando, àquelas que seguem no front da batalha do ser mulher. Amigas, amantes, família... referências da vida e para a vida.

Ter a quem e ao que agradecer, torna a vida menos tortuosa, dá sentido a essa caminhada por vezes árdua. Fico feliz em perceber os inúmeros agradecimentos que perpassam em minha mente pois, a cada um e a cada motivo que paro para refletir o que me trouxe até aqui, percebo que não ando só. Fato é, não gosto de caminhar na solidude, gosto da longa lista de amores e afetos que me rodeiam, afetos estes que não possuem lugar e/ou classificação. Penso inclusive, que um simples papel não seria capaz de descrever os sentidos e laços de afeto que me circundam, visto que a lógica de cuidado, trabalho, convívio e trocas que fazem sentido em minha caminhada, jamais se formam por uma verticalidade e nem mesmo há classificação capaz de designar onde se encontram. O que me dá sentido, é o cuidado, convívio, as trocas a partir dos círculos, das rodas, do saber partilhado a partir da perspectiva popular, singular e todes estão incluídes nessa tessitura de afetos e igualmente a todes sou imensamente grata.

A benção a Maria Divina (in memoriam), Lucília Moreira, Geralda Lúcia e Ana Cristina Pinto. Avós, mãe e tia. Mulheres que me acompanham e acompanharam desde o nascimento. Referências de vida, do ser mulher com toda a força, sensibilidade, resistência, fragilidade, emoção... Obrigada por existirem e me fazerem existir!

À Laís Caroline, tia de coração, apoio não só no campo acadêmico, mas nos desabafos e orientações regadas a muita risada, chope e puxões de orelha.

À Dulcimar (mãe Pekena), pelo cuidado e ensinamentos acerca da espiritualidade. Por perceber/sentir, cuidar, orientar e caminhar comigo nos momentos de angústias e incertezas.

À Daniela Garcia, por todo o amor, apoio e presença na construção e partilha desse sonho.

Às mulheres que são os amores da minha vida, a família que escolhi para mim e que seguem comigo para além do trabalho, dos blocos de carnaval, das viagens... Àquelas que me acompanham e acompanharam neste processo e na vida, ouvindo, acolhendo, chamando a

atenção, sendo presença silenciosa, alívio, saída diante das muitas dores e dúvidas, suporte para não desistir. Obrigada por acreditarem em mim, por serem colo, por serem meu lugar de chegada e permanência, por me darem a honra de conviver e partilhar a vida com vocês e por também me escolherem diariamente: Diene Fonda, Vanessa Lima, Bárbara Cassimiro, Valéria Pacheco, Camila Augusta, Lívia Ferreira, Nyanne Figueiredo, Nívia Teodoro, Luiza Morena, Emanuely Javarroti, Máira Almeida, Marina França.

À professora Cristiane Miryam, minha orientadora pela escolha de partilhar este percurso comigo, por me apresentar uma visão decolonial desse sistema colonizador que desde a invasão nos massacra enquanto mulheres e tantos outros recortes. Cris, obrigada pela escuta, pelos jantares, almoços e tantas outras partilhas, principalmente pela confiança e por aceitar o desafio de escrever sobre algo tão profundo e importante.

À Ana Regina Machado, pelo aceite de participar do processo de qualificação e defesa desta pesquisa. Ana, obrigada por ser referência de trabalho dentro da política de redução de danos e por todas as publicações que me auxiliaram a desenvolver um pensamento crítico no campo da saúde mental e no cuidado às usuárias de álcool e outras drogas.

Às mulheres usuárias do CERSAM AD, especialmente as participantes do grupo de mulheres “Falando de nós” do AD Venda Nova e do abrigo Pompéia por me ensinarem e instigar minha curiosidade e desejo de conhecê-las e me (re)conhecer neste processo de cuidado que o trabalho no SUS e com estas convoca. Obrigada pela possibilidade de vivenciar e conhecer tais universos.

À Isabella Tymburibá, pelo amor, parceria, cuidado, paciência, acolhida e presença ativa. Obrigada por me incentivar, não me permitir desistir ou me invalidar nesse processo. Sou grata a você por resgatar e me lembrar da importância dessa escrita, pela leitura carinhosa e cada uma das pontuações que agregaram ao trabalho.

Aqui, gostaria de dedicar apenas às mulheres, mas não posso me eximir de agradecer aos companheiros de vida Aruanã, por todo afeto partilhado, pelo incentivo e todas as palavras e presença cuidadosas. Agradeço por caminhar comigo, por ser este parceiro incrível e amável.

A Erickson Miranda e Heldevan Junior, parceiros de mestrado e que se tornaram de vida. Obrigada pela partilha de muitas dúvidas, pouquíssimas certezas, por compartilharmos mais que referências bibliográficas, mas amorosidade, tornando tal percurso mais leve e possível.

A Diego Pastana, que fez e faz parte da minha história no trabalho e, a partir deste, na vida. Obrigada por todas as dicas de referências e metodologia, pelos momentos de escuta e desabafos, por suportar a dor e a delícia de ser quem sou e seguir comigo.

Ao professor José Luiz Quadros de Magalhães pelo aceite de participar do processo de qualificação e defesa, contribuindo imensamente para essa pesquisa a partir das referências e pontuações, despertando um pensamento crítico acerca dos direitos humanos, do conceito de diversidade, espaço e a cidade que pensamos e desejamos enquanto sujeitos de direito.

Por fim, agradeço aos homens que me auxiliaram a chegar até aqui e que sustentam parte dessa mulher que tenho me tornado, meu incrível e sensível pai, Paulo Estevão e meu irmão, parceiro, orientador, Emmanuel Moura. Obrigada por enriquecerem minha vida, mesmo quando tudo se torna mais difícil. Vocês são o meu porto seguro, a minha referência.

E nessa caminhada, muitas que encontro e sigo encontrando me afetam. Me afetam porque riem, sangram, enfrentam, desarmam, desabam. Eu cá deste mesmo lado, mas também distante questiono o que nos separa e nos cinge? Eu mulher! Nós, força? Resiliência?

A dor do ser, de ser, existir, (re)sistir.

Até quando? Por quem? Porquê?

Um trago, um gole, intervalos, devaneios, viagens...

Marcas na pele e na alma me tomam, nos tomam, nos tornam.

O sistema nos mata, os homens nos matam, as drogas, as comorbidades, angústias, silêncios,

A VIDA!

Se não matam o corpo, matam a alma, retiram o colorido, o sentido. Nós choramos juntas,

alguém mais chora por nós?

Nós! – Paula Pinto

“A gente se sente até mais leve quando a gente conversa assim né? Igual eu tava com vergonha de conversar em roda, aí agora, eu já tô conversando, porque a gente vai conversando, muitas coisas a gente pensa que é só a gente mas tem muita gente também que passa... É ruim, é ruim na hora que chega a hora de ir embora... é bom desabafar assim”.

Feimata

RESUMO

Essa pesquisa foi realizada sob a perspectiva de uma construção de escrita decolonial, a partir das referências que ultrapassam o viés academicista no que tange publicações e/ou reconhecimento midiático. Pensadores contracoloniais e decoloniais como Antônio Bispo dos Santos - Nêgo Bispo, Conceição Evaristo, Cristiane Myriam Drummond de Brito e José Luiz Quadros de Magalhães, contribuíram para a construção deste escrito. A proposta buscou compreender a relação das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas em acompanhamento na modalidade de tratamento Permanência Dia (PD) nos quatro Centros de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas (CERSAM AD) de Belo Horizonte, na cidade, principalmente em relação aos espaços de lazer e cultura. Foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas com mulheres, sem distinção quanto à orientação sexual ou cisonormatividade, com idade entre 22 a 61 anos, entrelaçando minha vivência enquanto pesquisadora, mulher, trabalhadora da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Belo Horizonte/MG e também usuária dos espaços de lazer e cultura da cidade. A partir das *escrevivências*, conceito criado por Conceição Evaristo que introduz as seções às quais descrevo a história de vida de tais mulheres e suas relações com a cidade, foi possível apreender que a discussão acerca do direito à cidade está marcada por atravessamentos anteriores como a interseccionalidade, violações de direitos básicos como alimentação, escolaridade, trabalho e renda, suporte familiar e/ou social. Assim, os CERSAM AD enquanto espaços de oferta de cuidados nos momentos da urgência, apresentaram-se como os únicos lugares possíveis para a oferta de lazer e cultura, limitando a perspectiva de cuidado integral em saúde que deve ir além dos espaços destinados ao acompanhamento das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas. Por tanto, como proposto no início da pesquisa, tais resultados e escutas demonstram a necessidade ampliar pesquisas e publicações em torno do tema, a fim de promover a criação de políticas públicas com ênfase no cuidado às mulheres que se drogam.

Palavras-chave: mulheres; direito à cidade; álcool e outras drogas.

ABSTRACT

This research was carried out from the perspective of a construction of decolonial writing, based on references that go beyond the academic bias in terms of publications and/or media recognition. Countercolonial and decolonial thinkers such as Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo), Conceição Evaristo, Cristiane Myriam Drummond de Brito and José Luiz Quadros de Magalhães, contributed to the construction of this writing. The proposal sought to understand the relationship of women with problematic use of alcohol and other drugs being followed up in the stayday treatment modality at the four Reference Centers for Mental Health, Alcohol and Other Drugs (CERSAM AD) in Belo Horizonte, in the city of especially in relation to leisure and cultural spaces. Seven semi-structured interviews were carried out with women, without distinction regarding sexual orientation or cisnormativity, aged between 22 and 61 years old, intertwining my experience as a researcher, woman, worker of the Psychosocial Care Network (RAPS) in Belo Horizonte/MG and also a user of leisure and cultural spaces in the city. From *escrevivências*, a concept created by Conceição Evaristo that introduces the sections to which I describe the life history of these women and their relationships with the city, it was possible to apprehend that the discussion about the right to the city is marked by previous crossings such as intersectionality, violations of basic rights such as food, education, work and income, family and/or social support. Thus, the CERSAM AD, as spaces for providing care in times of urgency, are the only possible places to offer leisure and culture, limiting the perspective of comprehensive health care that must go beyond spaces intended for monitoring women with problematic use of alcohol and other drugs. Therefore, as proposed at the beginning of the research, such results and listening demonstrate the need to expand research and publications on the subject, in order to promote the creation of public policies with an emphasis on care for women who take drugs.

Keywords: women; right to the city; alcohol and other drugs.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	11
2. INTRODUÇÃO	11
2.1. Por quê pesquisar o direito à cidade para mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas?	11
2.2. Cidade para quem?	13
2.3. A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e o cuidado com pessoas que fazem uso problemático de álcool e outras drogas	17
2.4. Objetivo Geral	19
2.5. Objetivos Específicos	19
3. METODOLOGIA	19
3.1. Tipo da pesquisa	19
3.2. Participantes da pesquisa	20
3.3. Coleta de dados e instrumentos	21
3.4. Análise dos dados	22
3.5. Procedimentos éticos	23
4. ARTIGO	24
5. CONSIDERAÇÕES GERAIS	56
REFERÊNCIAS	58
ANEXOS	63
1. Termo de Anuência Institucional - Prefeitura de Belo Horizonte	63
2. Parecer de aprovação da pesquisa pela COEP/UFMG	64
3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	71
4. Roteiro da Entrevista	72

1. APRESENTAÇÃO

Como previsto na resolução nº. 02/2021, que estabelece os critérios para a defesa de dissertação do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação (CPGEO) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), essa dissertação apresenta o formato de artigo. Sendo organizado com introdução geral, metodologia detalhada, artigo que deriva do estudo e considerações finais. O presente trabalho foi formatado de acordo com as normas da ABNT e das diretrizes de normalização dos trabalhos acadêmicos da própria universidade.

2. INTRODUÇÃO

2.1. Por quê pesquisar o direito à cidade para mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas?

Essa proposta de estudo surge de minha inquietação com relação ao direito à cidade e a percepção deste em seus recursos de cultura e lazer por mulheres em situação de vulnerabilidade social e em uso problemático de álcool e outras drogas acolhidas na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Belo Horizonte e que se encontram em acompanhamento nos Centros de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas (CERSAM AD). Tal inquietação parte de uma observação empírica de que o acesso à cidade ocorre de forma desigual pelas pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social, em especial às mulheres. A pesquisa buscou refletir a luz do direito à cidade a vivência de mulheres usuárias de álcool e outras drogas na cidade de Belo Horizonte.

A expressão “Direito à Cidade” surgiu na França, a partir do filósofo e sociólogo Henri Lefebvre, em 1968. Ele traz a ideia de o espaço ser um produto social, construído socialmente e que afeta as práticas cotidianas. Criticamente, no sistema capitalista a cidade torna-se mercadoria. O valor de troca estrangula o valor de uso e aprofunda a segregação espacial e consequente degradação das relações sociais (ANA CARLOS¹, 2020). Lefebvre contesta o sentido único do planejamento urbano no sistema capitalista que visa

¹. Por uma orientação dos estudos feministas, todas(os) as(os) autoras(es) terão seus primeiros e últimos nomes citados na primeira vez que aparecerem nesta tese. Nas demais citações, seguirei com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. Dessa forma será possível identificar quem são as(os) pesquisadoras(es), mulheres ou homens.

homogeneizar os modos de vida na cidade. O direito à cidade é desvencilhar da gramática desenvolvimentista, herança colonial que vincula esse direito ao progresso. A urbanização reproduz um desenvolvimento geograficamente desigual e é uma metáfora da espacialização do capitalismo (LUANA COELHO; ISABELLA CUNHA, 2020). Importante dizer que a estruturação do poder capitalista tem a hierarquização racial das populações do mundo como eixo central (COELHO; CUNHA, 2020). Os territórios urbanos se submetem a essa hierarquização racial e não escapa do mercado capitalista que com sua cultura dominante gera violência, machismo, individualismo (RAFAEL DA CRUZ, 2017), racismo, sexismo entre outros.

Pensar esse direito à cidade do ponto de vista da mulher usuária de álcool e outras drogas, vulnerável, é uma forma de adentrar em reflexões sobre as violências vivenciadas por elas nos espaços urbanos, principalmente espaços de lazer e cultura. A perspectiva de gênero é uma maneira de trazer reconhecimento e sustentação acerca da singularidade do uso de substâncias psicoativas para essas mulheres, buscando construir análises a partir das experiências destas nos espaços da cidade.

Este escrito pretende contextualizar a conjuntura histórica do lugar das mulheres nas cidades, o acesso aos dispositivos de lazer e cultura, bem como os cenários sociais e culturais, apontando avanços e dificuldades, buscando compreender e problematizar as estratégias elaboradas para garantia do direito de circulação e pertencimento ao território e à cidade em que habitam o público supracitado.

As reflexões levantadas acerca do tema proposto surgiram a partir da experiência de articulações territoriais com as usuárias da rede de serviços substitutivos, acolhidas e em acompanhamento nos CERSAM AD do município e também sob a minha experiência na condução do grupo de mulheres nos respectivos serviços. O convívio e o contato diário com estas mulheres possibilitou escutá-las e verificar que seus espaços de circulação se dava em apenas alguns locais de uso da droga. Assim, criei uma oficina de circulação e (re)conhecimento na cidade, em que íamos a espaços públicos e nos locais de cena de uso buscando ressignificar o espaço da cena e a própria cidade de Belo Horizonte. Tanto em espaços públicos, quanto em cenas de uso que não frequentavam habitualmente, observei que algumas mulheres sentiam estranhamento e/ou sequer sabiam que lhes eram permitidas circular em alguns pedaços da cidade, como se os mesmos não lhes pertencessem.

Essa vivência possibilitou produções reflexivas relativas à apropriação do território e seus equipamentos, que foi capaz de produzir um deslocamento simbólico (JOSÉ MAGNANI, 1992) para essas mulheres. Algumas fluíam e se divertiam nos espaços e outras

sentiam estranhamento e não pertencimento. No entanto, para todas, aqueles espaços nunca tinham feito parte de suas circulações cotidianas sob o aspecto do lazer.

A circulação no território junto com essas mulheres fez surgir, em mim, conflitos tanto a nível intelectual, de produção de saber neste campo do uso de espaços da cidade, quanto a nível prático profissional como terapeuta ocupacional. A pergunta é: “como essas mulheres usuárias de álcool e outras drogas, frequentadoras da RAPS de Belo Horizonte circulam territorialmente? Há espaços em que se estabelecem? Há outros que lhes distinguem, bem como outros que de alguma forma que lhes são proibidos?”.

Assim, demonstro a importância acerca da necessidade de pesquisa e reflexão da mulher em uso problemático de substâncias psicoativas (SPA) quanto ao seu lugar na cidade, bem como a necessidade de se discutir o território para além da cena do uso de drogas, buscando compreender como se dá a circulação das mulheres nos espaços da cidade, principalmente em relação a espaços de lazer e cultura. Qual é a percepção dessas mulheres sobre os espaços que circulam? Elas têm consciência dos seus direitos à cidade, ao lazer e à cultura? Esses são pontos que proponho, a partir dessa pesquisa para analisar sob a luz do direito à cidade, correlacionado à reflexão sobre território, lazer e cultura.

2.2. Cidade para quem?

Ao refletir sobre a cidade, convém considerar suas mais diversas apresentações nos âmbitos coletivos: “lugares de encontro, do espaço produzido e da defesa que se considera como bem comum” (POLIANNA WERKEMA, 2020, p.26). A cidade deve então ter valor de uso que alcance a todas (os), não apenas enquanto garantia de moradia e convívio, mas também sobre aquilo que extrapole tal espacialidade enquanto recurso de aprendizado, cultura e lazer. Ainda de acordo com a autora,

a cidade foi uma ferramenta criada que transformou o civis em cidadão, para desenvolvê-lo e aguçar suas atividades e potencialidades. Por isso a cidade liberta e conhecê-la é conhecer a nós mesmos enquanto indivíduos e enquanto indivíduos no corpo coletivo (WERKEMA, 2020, p.26).

A noção de direito à cidade, está atrelada à noção de status social. Sendo assim, aqueles que são considerados como ‘os de fora’, por vezes, não usufruem da cidade e seus dispositivos de forma plena. Há então a segregação, centralidade e ausência de pertencimento territorial que cinge uma parcela da população que, em certa medida, não se enquadra nos papéis sociais (MAGNANI, 1992). Para Lefebvre (1999) apud. Ana Paula Sader; Jamilly Nicolete; Márcio Gomes (2019, p. 102), o direito à cidade

se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na sociedade, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (a atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito de propriedade) estão implicados no direito à cidade.

A promoção do direito e acesso pleno à circulação da cidade se constrói a partir de articulações que são definidas pelo valor de produção econômica, política e social (LEFEBVRE apud. SADER; NICOLETE; GOMES, 2019). Não basta o direito à moradia fixa, é preciso reconhecer a apropriação deste não lugar nos espaços públicos da cidade pois, ainda que abertos de forma gratuita, não acolhem os sujeitos oprimidos (JÉSSICA CERQUEIRA; HELENA MARQUES; LUCAS ZINET, 2017). Tais minorias sempre recebem olhar de desaprovação, estigma e preconceitos. A cidade deve ser tanto espaço físico quanto subjetivo para todos. Circular é direito e como tal, deveria ser usufruído sem receios de opressões. Ressignificar a relação do sujeito com a cidade torna-se importante como forma de garantia de direitos e humanização. Para Werkema (2020, p.60), “o direito à cidade tem o objetivo de restaurar o sentido não ideológico em oposição ao sentido ideológico de cidade, estabelecer a possibilidade de ‘viver bem’ para todos e fazer da cidade um ponto de encontro para a construção da vida coletiva”. As pessoas vulneráveis em uso problemático de drogas, vivenciam um desigual acesso à cidade e, cotidianamente, experimentam situações de opressão. No que tange às mulheres percebe-se que há uma demanda acerca do olhar atento às peculiaridades e necessidades da mulher usuária de drogas. Trazer à tona discussões que abarcam para além do direito à diferença, que por vezes exclui não só mulheres como também outras minorias (população LGBTIQIAPN², negros, pessoas que vivenciam trajetória de vida nas ruas, pessoas em situação de privação de liberdade, pobres...), com ênfase no recorte à mulher em uso problemático de substâncias psicoativas justifica-se então como um dos recursos em busca do direito à diversidade, no que tange ao acesso a circulação pela cidade enquanto direito. José Magalhães (2013, s.p.) descreve acerca do direito à diferença e à diversidade:

O direito à diferença confronta e desafia a tarefa do estado e do direito moderno de uniformização de comportamentos e valores, e de encobrimento, expulsão,

²- A sigla LGBTIQIAPN+ marca um posicionamento de luta, resistência e orgulho, abrangendo lésbicas (L: mulheres que se relacionam com mulheres), gays (G: homens que se relacionam com homens), bissexuais (B: pessoas que se relacionam com homens e mulheres), transexuais e travestis (T: quem passou por transição de gênero), queer (Q: pessoas que transitam entre os gêneros, como as drag queens), intersexo (I: pessoa com qualidades e características masculinas e femininas), assexuais (A: quem não sente atração sexual por quaisquer pessoas), pansexuais (P: quem se relaciona com quaisquer gêneros ou orientações/condições sexuais), não-binário (N: quem não se percebe como pertencente a um gênero exclusivamente, cuja identidade e expressão não se limitam ao masculino e feminino, estando fora do binário de gênero e da cisnormatividade) e o símbolo aditivo “+ (mais)” (+: outros grupos e variações de sexualidade e gênero) (GERALDO MOREIRA, 2022, p. 5).

encarceramento ou eliminação daqueles grupos ou pessoas que resistem ou não se adequam à padronização. O padrão moderno de hegemonia do "homem branco europeu" construiu uma sociedade androcêntrica, estabelecendo a sua primeira "outra" diferente: a mulher. A relação entre homens e mulheres, [...] explicita o dispositivo "nós" superior e "elas" inferior. As lutas das mulheres pela ressignificação de seu sentido social, pode se apresentar de três formas: como resistência; como busca por ruptura; ou ainda, como infiltração, ao negligenciar o padrão masculino [...] O direito à diversidade segue outra lógica. Em primeiro lugar não há permissões nem reconhecimentos. Não há inclusão por que não pode haver exclusão [...] O outro não é mais o inferior, a ameaça, o medo; o outro se transforma na possibilidade do novo. O outro é aquele que tem o que eu não tenho, e eu tenho o que ele não tem [...].

Assim, torna-se cada vez mais difícil possibilitar o exercício de direitos existentes a essa população que encontra-se à margem, uma vez que a sociedade contemporânea, só considera válido, os ideais de vida e de exercício de direito daqueles que não fogem à norma, ou seja, o homem branco, heterossexual, cisgênero, urbano e cristão. Tal visão reducionista, que preza pela homogeneização dos corpos e saberes, desconsidera a diversidade existente, contribuindo cada vez mais para o aumento das desigualdades e violações de direitos (MAGALHÃES, 2012).

No que tange ao enfrentamento do fenômeno das drogas, Márcia Souza; Jeane Oliveira e Enilda Nascimento (2014), referem que quanto à população feminina, tal discussão extrapola as dimensões biomédicas, determinando que os profissionais compreendam o processo saúde/doença, de forma mais ampla, abrangendo as especificidades femininas na qualidade de sujeitos sociais.

A mulher é, no Brasil, em números, maioria. É a cidadã que mais ocupa os espaços, produzindo ou não, circulando, habitando, interferindo, voluntária ou involuntariamente, por meio de sua presença na construção e manutenção da sociedade brasileira (LIGIA CASIMIRO, 2017, p.10).

É preciso trazer à tona discussões sobre a problemática de gênero a fim de que esta ganhe destaque: “A cidade é perversa especialmente para as mulheres ao restringir ou até bloquear o seu direito de ir e vir tranquilamente” (VALÉRIA PINHEIRO, 2017, p.44). Quanto à circulação das mulheres, observa-se que esta é ainda mais restrita. O corpo feminino circunscrito na cidade, não é apenas um corpo. Há uma marca da objetificação, da dominação, do preconceito, da percepção de uma fragilidade e, em consequência desta, a justificativa dos mais diversos abusos sejam estes do uso de substâncias psicoativas ou mesmo destes corpos que habitam e circulam a cidade (SOUZA; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2014).

De acordo com Sader, Nicolete e Gomes (2019, p.102), “uma sociedade excludente produzirá cidades excludentes”. Aspectos presentes e marcantes no universo das mulheres em situação de vulnerabilidade social como: violências, violações de direitos, pobreza, desemprego, baixa escolaridade entre outros, contribuem para o contexto de miséria, exclusão

e uso prejudicial de substâncias psicoativas. Ainda segundo Magalhães (2012, p.50), a dominação a partir do colonialismo “nos faz desaprender (ou nunca nos ensinou) a conviver com a diferença”.

Ao construir e possibilitar ações territoriais tais como: passeios e articulações com e para além de outros serviços visando a autonomia e garantia de direitos, preconizamos práticas que valorizem e estabeleçam conexões entre saúde, assistência, cultura e educação, como forma de enfrentamento das situações de vulnerabilidade e de extrema desigualdade social vivenciadas. Tais construções se fazem à medida em que se reflete e se teoriza acerca das práticas concretizadas no cotidiano do trabalho nos serviços supracitados. Sabemos que essas ações, por vezes são impregnadas de valores morais, culturais e de classe, por regras de condutas, que devem ser discutidas e problematizadas na perspectiva de uma intervenção no contexto social que efetivamente, trabalhem na direção da maior autonomia dos sujeitos (SILIER BORGES, 2015).

O território e a cidade devem ser percebidos para além da delimitação geográfica em que se insere a comunidade. É imprescindível considerar diferentes formas de vida que ocupam os mais diversos espaços e, por vezes, fazem usos peculiares de tais ambientes. Mas não devemos desconsiderar que, independentemente do uso ou percepção que se tem dos espaços, sempre ocorrerão trocas sociais. Como nos descreveu Milton Santos em sua obra: “Por uma outra globalização” (2001), podemos compreender por território para além de uma delimitação geográfica. Território pertencer, sentir-se em movimento frente a diversidade de trocas sociais de um coletivo. Assim, a partir da compreensão deste território que é vivo e portanto, está em constante movimento, se torna possível a construção e ampliação de autonomia e garantia de direitos, circulação pelo território e cidade, possibilitando acesso ao lazer e cultura.

É imprescindível que possamos aprender sobre e com as diversidades, nos debruçar a partir de um imaginário pluralista desenvolvido a partir da diferença, promovendo espaços capazes de oferecer igualdade de condições a todos as pessoas para criar, (re)significar, (re)criar e fazer mundos em amplos os sentidos, sejam estes culturais, sociais ou econômicos.

O pluralismo epistemológico significa justamente a convivência de diversos direitos, diversas compreensões de mundo, diversas filosofias. A novidade reside no fato de que, agora, a diversidade não é apenas formal, mas, também, real. Formas distintas de compreender e viver, de sentir, interpretar, podem conviver em um espaço comum, de diálogo e construção de consensos (MAGALHÃES, 2012, p. 89).

Existem modos de viver diversos com suas epistemologias, paradigmas, cosmologias, filosofias entre outros aspectos que não podem ser tratados com um único direito, é necessário direitos plurais.

2.3. A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e o cuidado com pessoas que fazem uso problemático de álcool e outras drogas

Observa-se que reflexões sobre o tema direito à cidade e circulação das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas devem ser estudados de maneira atenta, inclusive porque os próprios ambientes dedicados ao estudo e a luta pelo direito à cidade ainda não estão isentos da reprodução de opressões. No contexto em que estão inseridas essas mulheres, em que a vulnerabilidade social e o uso de substâncias psicoativas por vezes, tornaram-se a única saída possível para se pensar em certo alívio, diversão, interação, ampliar o olhar para outras direções e apresentar novas possibilidades, podem contribuir para construção de outras relações com a cidade e na (re)descoberta quanto a percepção de lazer e cultura.

A atuação no campo da saúde mental especificamente no cuidado às pessoas em uso problemático de drogas, observamos que as relações que estas estabelecem quanto ao uso, as/os direcionam a problemas que afetam não só a própria saúde, como da população geral. Para além de tais questões, soma-se o estigma inculcado na história das drogas, que exerce o controle social dos corpos, corpos estes que têm cor, raça e classe social (ANA MACHADO, 2006).

O tipo de laço estabelecido por cada sujeito com sua droga de eleição e a medida de satisfação e dor de cada um, sempre singulares, só podem ser captados no processo de investigação e cuidados clínicos, escapando, portanto, aos limites da epidemiologia(...) (ROSIMEIRE SILVA, 2015, p.102).

Assim, compreende-se a importância do lugar de acolhimento, escuta, cuidado e oferta de outras saídas possíveis que não apenas o uso de drogas. Os Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas - CAPS AD³(Centro de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas - CERSAM AD em Belo Horizonte), são espaços que se destinam ao acolhimento das pessoas com transtornos mentais e decorrentes do uso problemático de álcool e outras drogas.

³- A denominação Centros de Atenção Psicossocial - Caps é Nacional, definida pelo Ministério da Saúde. Em Belo Horizonte, os CERSAM foram constituídos em consonância com os ideais da Luta Antimanicomial, e possuem um valor estratégico nas mudanças para a reforma Psiquiátrica Brasileira, apontando uma possibilidade diferente de tratar o portador de sofrimento mental. Eles têm sua inspiração no primeiro CAPS que foi implantado em São Paulo no ano de 1987 e no NAPS (Núcleo de Atenção Psicossocial) criado em Santos em 1989 (MARIA TIBÚRCIO, 2013).

Buscam estimular a integração social, cultural e familiar por meio de iniciativas que visam a autonomia dos indivíduos que ali se encontram (BRASIL, 2004).

A compreensão acerca da necessidade do cuidado das pessoas que fazem uso problemático de drogas enquanto dimensão de cuidado em saúde se deu tardiamente. Como descreve Machado (2006), apenas quinze anos após a existência do Sistema Único de Saúde (SUS), foram implementadas ações de cuidados às pessoas usuárias de drogas. Tal lacuna pode ter contribuído para a compreensão equivocada, moralista, estereotipada e preconceituosa quanto às pessoas que se drogam. Segundo Maria Faria e Ana Machado (2012, p.3),

os princípios e as diretrizes da reforma psiquiátrica devem estar presentes no CAPS ad, traduzindo-se em formas de atenção que não segreguem os usuários, que contribuam para sua inserção ou reinserção social. A proposta, então, é oferecer cuidados em rede de atenção, que viabilizem a retomada dos diversos laços sociais, que, em algum momento e por algum motivo, foram comprometidos.

É preciso sustentar um cuidado em saúde mental no campo álcool e outras drogas, embasado por uma lógica ética (re)inventada cotidianamente, orientada pela escuta ativa, dentro dos princípios e diretrizes do SUS, pensando ainda na perspectiva dos impactos e consequências que atravessam tais usos nos campos político, econômico, subjetivo e psíquico. Como descreve Ana Machado, Celina Modena e Zélia da Luz (2020), as motivações que direcionam as pessoas que se drogam a procurar os CERSAM AD extrapolam a perspectiva de mudança na relação que se estabelece com as substâncias. A (re)construção dos vínculos ou laços sociais, a melhoria ou mesmo garantia de direitos básicos como alimentação ou algum lugar para descanso, o cuidado clínico e a promoção de autonomia, também são recursos procurados nestes serviços. Nesse sentido, perceber criticamente como tais fatores atravessam as vidas das pessoas que se drogam, bem como sublimar sobre tal experiência pensando como as drogas se inserem nesses circuitos, a fim de construir outras formas de cuidado para além do dos CERSAM AD, permite desconstruir equívocos e enganos oriundos da ideia de proibição e preconceito com relação ao uso (SILVA, 2015).

Segundo Machado, Modena e da Luz (2020), ainda há um déficit quanto às publicações e pesquisas dedicadas à compreensão das demandas e necessidades das pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas dentro e fora dos serviços de saúde. Torna-se então importante discutir, atravessamentos como:

a falta de acesso a sistemas sociais básicos de proteção, a exclusão estrutural das sociedades capitalistas e o baixo poder contratual (de realização de trocas sociais) das pessoas que usam drogas, uma vez que tais ausências, geram necessidades de inclusão e reinserção social e de promoção do acesso a direitos básicos (MACHADO, MODENA; DA LUZ, 2020, p.9).

Sem acesso a tais fatores, acerca do uso de SPA a partir da escuta das mulheres em suas histórias de vida, torna-se ainda mais complexo dispor de recursos capazes de ampliar o direito ao lazer, cultura e circulação na cidade.

O compromisso ético que se pretende com a realização da pesquisa, refere-se à valorização da vida em sua capacidade de criação, afirmando a subjetividade como um processo de constante auto produção, engendrando os mais variados territórios existenciais, indissociáveis do campo cultural.

2.4. Objetivo Geral

Compreender como se dá a circulação das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas em acompanhamento nos CERSAM AD de Belo Horizonte nos espaços da cidade, principalmente em relação aos espaços de lazer e cultura.

2.5. Objetivos Específicos

- Conhecer os espaços de circulação das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas na cidade de Belo Horizonte;
- Analisar a percepção das mulheres sobre seus espaços de circulação, principalmente os associados ao lazer e cultura;
- Compreender a circulação e pertencimento ao território e a cidade por essas mulheres;
- Verificar se o CERSAM AD é capaz de ampliar o espaço de circulação dessas mulheres;
- Refletir quais redes sociais contribuem para o acesso à cidade, circulação, cultura e lazer das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo da pesquisa

A escolha pela pesquisa qualitativa tem relação com o foco do estudo que não permite aprisionamento em disciplinas, de descrição e controle, portanto será necessário romper com o objetivismo e buscar compreender os processos geradores de sentido. Alinha-se a transdisciplinaridade superando divisões como o social x individual (JULIANA PINTO; ANA de PAULA, 2018). Isto posto, esta pesquisa aborda por meio da pesquisa qualitativa de

abordagem descritiva exploratória (KAIO FRANCO; ALINE CARMO; JOSIANE MEDEIROS, 2013), às mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas em acompanhamento nos Centro de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas (CERSAM AD). De acordo com Maria Minayo (2012, p.622),

a abordagem qualitativa é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação. E o movimento que informa qualquer abordagem ou análise se baseia em três verbos: compreender, interpretar e dialetizar.

Assim, fez-se importante traçar caminhos de percepção sobre as sutilezas das experiências sociais, por meio da análise dos verbos principais já citados. O método utilizado para produção dos dados da pesquisa foi a História Oral, visto que tal método busca dar voz às pessoas excluídas da história oficial e inseri-las dentro dela. Escutar o que as pessoas falam, o sentido das falas (MARIA ALVES, 2016) e o processo complexo historicamente construído em que a fala está inserida, foi uma habilidade exigida a mim, enquanto pesquisadora, para realização das entrevistas em um processo organicamente construído. A construção de vínculo com as participantes foi de fundamental importância, uma vez que tais mulheres narraram as vivências experienciadas nos espaços da cidade além de fragmentos das histórias pessoais, sociais, culturais e em tantas outras dimensões que emergiram. A memória e a interpretação das pessoas sobre os fatos são importantes nesta metodologia, bem mais que os fatos em si. Na história oral existem três categorias: a história de vida, a história temática e a tradição oral (JOSÉ MEIHY, 2002). Nesta pesquisa elegi a história de vida como apoio na construção dos dados. Segundo Maria Nogueira e colaboradores (2017), o método de pesquisa com histórias de vida se constrói a partir da relação entre pesquisador e indivíduo por este pesquisado e, para tal, como já supracitado, presume-se a existência do vínculo por aquele que participa da pesquisa e, por sua vez, narra sua história, em dado momento da vida. Importante ressaltar a preocupação quanto a análise dialética da cultura e das personagens envolvidas na pesquisa com a revelação das relações e interações de suas histórias.

3.2. Participantes da pesquisa

Participaram sete mulheres com idade entre 22 a 61 anos, sem distinção quanto à orientação sexual e identidade de gênero, em uso problemático de álcool e outras drogas e que se encontram em acompanhamento nos CERSAM AD do município de Belo Horizonte na

modalidade de acompanhamento Permanência Dia⁴(PD). Na capital, há cinco CERSAM AD nas seguintes regionais: Barreiro, Centro Sul⁵, Nordeste, Noroeste/Pampulha, Venda Nova. Após autorização para a coleta de dados via gestoras dos serviços por meio de telefonema prévio e/ou pelo e-mail institucional, foi agendado um primeiro encontro e reunidas as mulheres em permanência dia nos serviços. Tal encontro buscou dar explicações acerca da pesquisa e dos métodos utilizados para a produção dos dados (questionário sócio demográfico e entrevista a partir do método história de vida) e levantamento das participantes que aceitaram participar.

Todos os encontros foram realizados nos CERSAM AD de referência dessas mulheres, por escolha das mesmas, entre os meses de março a abril de 2022. Importante salientar que todas as orientações acerca das medidas preventivas contra o COVID-19 especificadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) foram respeitadas durante todas as etapas da pesquisa. Os critérios de inclusão e exclusão foram: mulheres em acompanhamento nos CERSAM AD do município, na modalidade de acompanhamento Permanência Dia (PD); com idade igual ou superior a 18 anos completos, sem distinção quanto à orientação sexual e identidade de gênero, em uso problemático de álcool e outras drogas. Foram excluídas as mulheres em atendimento ambulatorial⁶ nos CERSAM AD, mulheres em hospitalidade noturna⁷ e mulheres que chegaram para acolhimento em urgência no dia da coleta de dados.

3.3. Coleta de dados e instrumentos

A pesquisa foi realizada presencialmente nos quatro CERSAM AD e dividida em duas ou mais etapas conforme demanda das mulheres em cada serviço. No primeiro encontro (como citado anteriormente) foi explicado sobre a pesquisa, bem como os métodos para coleta dos dados. Houve a aplicação do questionário sócio demográfico e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo). A indicação de tais mulheres se deu a

⁴- recurso de tratamento indicado para casos que necessitam de acompanhamento mais próximo. Funciona diariamente, em dois turnos, e é indicado a partir do "Projeto Terapêutico Singular" (PTS). Inclui a oferta de oficinas terapêuticas, atividades externas e demais ações da atenção psicossocial.

⁵- O CERSAM AD Centro Sul / Centro Mineiro de Toxicomania - CMT não fez parte da pesquisa por ter um Comitê de Ética em Pesquisa específico do serviço. Trata-se de um dispositivo recentemente incluído na RAPS da Prefeitura Municipal de BH e que está para Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde como CAPSad III, portanto ainda não municipalizado.

⁶- oferta de tratamento para casos de menor gravidade em situações que não necessitam de acompanhamento mais intensivo.

⁷- dispositivo que acolhe os usuários em crise, com maior gravidade e com necessidade de acompanhamento intensivo em período noturno.

partir da indicação das(os) profissionais técnicos de referência⁸ dos CERSAM AD. Ao assinar o TCLE, as participantes respondiam também, se desejariam ou não serem convidadas para a segunda parte da coleta, de cunho qualitativo que será analisada aqui.

Dentre as 14 participantes da primeira etapa, sete mulheres aceitaram partilhar suas histórias de vida. Durante as entrevistas foram disponibilizadas máscaras e álcool 70%, além de mantermos distanciamento seguro recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Como já haviam os dados socioeconômicos das participantes, respondidos na fase anterior da pesquisa, foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas, buscando dar voz a essas mulheres. Priorizei nas entrevistas os relatos das histórias orais de vida, a partir de perguntas disparadoras que foram capazes de direcioná-las para a especificidade dos temas abordados. Foram realizados agendamentos individuais, de acordo com a disponibilidade das participantes. Houve ainda a gravação das entrevistas, sob autorização das participantes, facilitando assim transcrições futuras.

3.4. Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas, com auxílio de ferramentas de diminuição da velocidade da voz como o oTranscribe, e extensões do Google Chrome, além disso duas estudantes de iniciação científica participaram deste processo. A transcrição considerou os silêncios, suspiros, choros e quaisquer outras emoções que surgiram ao longo dos processos. Após a transcrição, o segundo passo foi a formulação de pré-indicadores, com leituras exaustivas das entrevistas, observando conteúdos nos quais cada participante dava importância, tanto do ponto de vista da repetição, quanto na carga emocional, ambivalências e etc. O terceiro passo foi codificar as entrevistas em categorias. Strauss e Corbin (1991) apud Sérgio dos Santos e Maria da Nobrega (2002), propõem que o processo de codificação de histórias orais siga por etapas, a fim de iniciar por uma ampla identificação e articulação dos dados, denominada codificação aberta, na qual analisamos o potencial do material empírico com o conhecimento da pesquisadora sobre o contexto. Assim, extraímos elementos conceituais que foram agrupados. Após esta etapa, realizou-se o reordenamento dos dados com base no referencial teórico da pesquisa, os autores supracitados denominam de “codificação axial”.

⁸- O técnico de referência é definido como aquele que tem como responsabilidade o monitoramento do usuário, o projeto terapêutico individual, o contato com a família e a avaliação das metas traçadas no projeto (BRASIL, 2004).

Tais recursos buscaram transformar os dados produzidos em categorias e subcategorias criando assim, uma lógica para a análise dos dados, encontrando assim, os significados e sentidos nas diversas narrativas, existindo deslocamentos de indicadores, redefinição, entre outros. Os registros feitos no diário de campo também foram considerados para a análise dos dados. As trajetórias foram analisadas como um todo, reconstruindo a história sociocultural das mulheres articuladas com o tempo, espaço, valores e significados das vivências e associadas à reflexão do direito à cidade.

3.5. Procedimentos éticos

Antes de responder aos questionários, os objetivos da pesquisa, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi apresentado às mulheres participantes, a estas também foi garantido o sigilo dos dados e a não identificação. Esta pesquisa não apresentou riscos físicos previsíveis, existiu apenas a possibilidade dos desconfortos emocionais ou físicos, visto que as participantes falaram de suas experiências pessoais quanto ao direito ao acesso e circulação pela cidade, uso problemático de álcool e outras drogas, entre outros relatos pessoais de suas vivências. No entanto, caso alguma participante relatasse qualquer desconforto, a coleta de dados seria interrompida e a participante convidada a dizer do seu desconforto e a indicar se preferia deixar de participar da pesquisa ou optar por finalizar a coleta de dados em outro momento - o que não ocorreu em nenhuma das entrevistas.

As gravações ficarão sob minha posse e também da orientadora deste estudo, sendo armazenadas no Google Drive, com acesso restrito às mesmas e às estudantes de graduação do curso de Terapia Ocupacional, que auxiliaram nas transcrições. Essas entrevistas serão armazenadas sob meus cuidados por um período de cinco anos. Em todo momento a confiabilidade das informações e segurança desses dados foi prezada.

4. ARTIGO

Mulheres que se drogam: Naquele lugar onde eu não posso ir...

RESUMO

Esse artigo buscou compreender a relação com a cidade e seus espaços de lazer e cultura, pelo olhar de mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas, atendidas em quatro Centros de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas (CERSAM AD) de Belo Horizonte, à luz dos estudos decoloniais. A construção se deu a partir de sete entrevistas semiestruturadas com mulheres diversas, com idade entre 22 a 61 anos, além do diálogo com a minha própria experiência enquanto pesquisadora, mulher, trabalhadora da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Belo Horizonte e usuária dos espaços de lazer e cultura da cidade. A partir das *escrevivências*, conceito criado por Conceição Evaristo, as histórias de vida de tais mulheres e suas relações com a cidade, revelaram que o direito à cidade está atravessado por diversos fatores, como a interseccionalidade, violações de direitos básicos como alimentação, escolaridade, trabalho e renda, suporte familiar e/ou social. Os CERSAM AD demonstraram-se como espaços que possibilitaram cuidado e acolhimento não somente nos momentos de urgência, mas também na maior parte das vezes, os únicos locais possíveis para a oferta de lazer e cultura. A pesquisa possibilitou a abertura para uma discussão ainda tão incipiente tanto academicamente, quanto socialmente, demonstrando também a necessidade ampliar pesquisas e publicações em torno do tema, buscando a criação e cumprimento de políticas públicas com ênfase no cuidado às mulheres que se drogam.

Palavras-chave: mulheres; direito à cidade; álcool e outras drogas.

INTRODUÇÃO

“Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também...” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2016, p.7)

Começo aqui relatando a história de vida de oito mulheres. São sete histórias de vida de mulheres que fazem uso problemático de álcool, crack e outras drogas e que atravessaram/atravessam a minha enquanto a oitava mulher cisgênero branca, pesquisadora e trabalhadora do SUS, especificamente em um dos Centro de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas (CERSAM AD) de Belo Horizonte. Durante tal imersão, percebi que falar do gênero não é suficiente para dizer dessas mulheres, uma vez que as inúmeras experiências de violações de direitos básicos as impedem de pensar no exercício do direito ao lazer, a circular pelos espaços da cidade e até mesmo nas cenas de uso de drogas.

Foram sete mulheres entrevistadas, quatro mulheres cisgênero negras e três mulheres cisgênero brancas. Dessas, uma possui ensino fundamental incompleto, três possuem ensino fundamental completo, uma possui ensino médio incompleto, uma possui ensino médio completo e uma ensino superior completo. Nenhuma das participantes possui trabalho formal e os menores índices de formação escolar foram entre as mulheres negras. A grande maioria vive em condições econômicas precárias.

Suas histórias são marcadas pela droga, abusos, violências, exclusões, estigmas e preconceitos, mas também atravessadas por desejos e sonhos, tais como: se reaproximar do filho, retomar os estudos, trabalhar formalmente, conseguir manter-se abstinente para presenciar o casamento da filha, ter forças e suporte para finalizar um relacionamento abusivo, ressignificar o gosto pela vida a partir de vivências distintas das drogas, ter o que comer na geladeira e, por fim, a oitava história, que não se deu a partir da entrevista, mas desse meu lugar de interlocutora que busca, a partir da pesquisa, ter a oportunidade e espaço para dizer dessas mulheres e a partir disso, trazer visibilidade e, talvez, reflexões sobre garantia de direitos.

A cada uma dessas mulheres busquei atribuir nomes fictícios para preservar suas identidades, mas não por acaso, às mulheres negras, busquei escolher nomes de várias regiões de África, que também trouxesse em seu significado, alguma característica marcante destas. Quanto às mulheres brancas, duas me remeteram a celebridades do rock: Cássia pelo amor à música e à cantora Cássia Eller, da qual a mesma interpreta ao tocar em bares pela cidade e Janis que faz referência à cantora Janis Joplin, por ser uma mulher aparentemente parecida com a artista - além do gosto musical - e ainda, por ser fã da mesma. Quanto à terceira: Pilar, que traz em seu significado literal “que sustenta”, nome de origem hebraica que tenta traduzir todos os enfrentamentos vivenciados por esta mulher em sua história de vida.

É importante destacar ainda, que esse escrito será dividido em seções. Nestas, busco trazer primeiramente as histórias de vidas das mulheres negras, visto que não é possível deixar de abordar a interseccionalidade como o recorte de raça, que também atravessam tais mulheres em suas vivências subjetivas, familiares, de trabalho, reconhecimento e oportunidades. A segunda seção trará a história de vida das mulheres que se autodeclararam brancas e por fim, a terceira buscou abordar meu lugar como interlocutora, não apenas enquanto pesquisadora, mas também, enquanto mulher branca, marcada por privilégios capazes de me trazer até o encontro dessas outras mulheres a partir do trabalho na política pública.

O processo de colher histórias de vida em pesquisa qualitativa, carece de presença e desconstrução, nos leva a despir de preconceitos e estigmas por vezes incutidos na constituição e formação do ser. Estar disponível para acolher e exercitar a escuta, que vai além do ato mecânico do processo auditivo de ouvir. Escutar requer desejo, atenção, reflexão.

Há um caráter terapêutico nesse método e ético; uma dimensão interventiva, inscrita na escuta oferecida pelo pesquisador e no fato de que contar a história e recriá-la, é produzir uma leitura sobre as experiências vividas, produzir ressignificações e produzir uma escrita. O sujeito narrador da história não se limita, assim, a ser um "objeto" de pesquisa (MARIA NOGUEIRA et al., 2017, p. 469).

A partir da escuta destas mulheres, percebe-se que a vivência de suas pressões externas e internas sempre foram inseparáveis. Escutar cada uma delas é escutá-las como parte da complexidade do mundo, portanto mesmo que se escute uma mulher, não é apenas uma, mas entre duas, entre três, entre quatro, entre cinco... infinitamente. É preciso por tanto, escutar intersubjetivamente a mulher em situação e a situação nela, sejam situações familiares, culturais, econômicas e sociais (JOÃO NEVES, 2016). Assim, trata-se da busca por trazê-las à cena como protagonistas de suas histórias, visto que em quase todos os lugares por onde circulam, essas mulheres são invisibilizadas e negligenciadas.

Ao propor a elas que narrassem suas histórias de vida, percebi que meu lugar não era apenas de uma pesquisadora coletando dados a serem analisados. Essa metodologia me exigiu a postura de escuta, quer dizer, uma função ativa e acolhedora capaz de colocá-las em movimento, proporcionando um ambiente em que elas pudessem falar. Neste processo, percebi que ao narrarem suas histórias de vida refaziam caminhos já percorridos, trazendo para o presente, o passado e/ou percebendo no presente o passado. Às vezes se deparavam com seu não saber, com dúvidas acerca delas mesmas, um reposicionamento diante da própria vida. Ao mesmo tempo me impunham questões: como pesquisadora é possível distanciar-se tanto, ao ponto de deslocar a história de tais mulheres dessa interlocutora que escreve, mesmo em contextos de vida tão distintos? E o que nos separa ou nos cinge? Quais são esses contextos e vivências que nos distanciam? Tais reflexões serão trazidas neste escrito, à luz dos questionamentos que envolvem as armadilhas da identidade do ser mulher na cidade e nos territórios em que habitam.

Pensando nestes territórios a partir da invasão dos mesmos, historicamente, as mulheres sempre foram violentadas com força bruta e subordinação aos homens. Importante ressaltar que o território e a cidade devem ser percebidos para além da delimitação geográfica em que se insere a comunidade. É imprescindível considerar diferentes formas de vida que ocupam os mais diversos espaços e, por vezes, fazem usos peculiares de tais ambientes.

Território, como bem descrito por Milton Santos (2001, p.96), “é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”. Retomando então sobre o lugar socialmente imputado às mulheres, torna-se necessário refletir qual território destinado a estas.

Quando os europeus invadiram a América, as mulheres na Europa não tinham direito a nada, por exemplo, quem votava eram os homens brancos e ricos, estes por sua vez, impuseram esse sistema às colônias criando um novo sistema mundo. Dentre as diversas imposições, há a religiosidade cristã e seus mitos que revelam traços deste sistema mundo como a hierarquização agrupadas de forma binária a exemplo, o bom versus o mal. Neste binarismo determinam o lado a ser seguido com seus valores e crenças baseados na subalternidade a uma religiosidade europeia em que o comando é do homem branco e rico (MAGALHÃES; CRISTIANE BRITO, 2021).

Para a mulher não há um lugar ou então o lugar binário de mulher boa e/ou mulher má. Trago aqui dois mitos cristãos: Lilith e Maria. O primeiro demonstra a mulher na posição demoníaca, pecadora, “ela não se entendia com Adão e não queria estar por baixo dele” (IARA VIANA, 2019, p.23). Lilith reivindicava a liberdade, a autonomia e o prazer sexual, sendo então, expulsa do paraíso. Em contraponto, temos Maria que é a virgem, pura, idolatrada por gerar o filho de Deus em um ato de devoção e submissão (VIANA, 2019). Mesmo que de forma inconsciente, mas escutando de forma intersubjetiva, observo que muitas mulheres se colocam entre esses dois mitos, o de ser uma mulher que quer o prazer, mas se vivenciado lhe restam a culpa, ou a mulher ideal que é assexuada, protetora e mãe, mas a esta, o prazer é cerceado.

O binarismo, portanto, torna-se o não lugar em que muitas mulheres se encontram, especialmente mulheres em situação de vulnerabilidades, violações de direitos e uso problemático de álcool e outras drogas. Tal fato foi revelado nas entrevistas e nas reflexões de minha travessia como pesquisadora. Conceição Evaristo será a guia de minhas reflexões a partir do seus livros: “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (EVARISTO, 2016) e “Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo” (EVARISTO, 2018), as seções irão iniciar com frases dos livros.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa qualitativa iniciou com a aprovação no comitê de ética em seres humanos da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e da UFMG, com CAEE:

51487221.9.0000.5149, em fevereiro de 2022. Após tal aprovação e autorização para coleta de dados via gestoras dos quatro CERSAM AD de Belo Horizonte, foi agendado um primeiro encontro e reunidas as mulheres em permanência dia nos serviços, a fim explicitar sobre as etapas e métodos da pesquisa. As mulheres que aceitaram participar, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e preencheram um questionário breve, com dados sociodemográficos. Além do preenchimento do questionário, tais participantes responderam às perguntas que abordaram os seguintes critérios de inclusão: estar na modalidade de acompanhamento permanência dia nos CERSAM AD e ainda, se aceitariam participar da segunda etapa da coleta de dados que consistia na entrevista através do método de coleta pela história de vida. Com os critérios supracitados, sete mulheres aceitaram participar da segunda etapa. Todas as entrevistas foram realizadas nos próprios CERSAM AD de referência a pedido das mesmas, em datas e horários indicados pelas participantes. As entrevistas foram conduzidas em roteiro semiestruturado, durando entre vinte minutos e uma hora.

Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, considerando silêncios, suspiros, choros, quaisquer emoções. Após, foram formulados pré-indicadores, com leituras exaustivas das entrevistas, observando os conteúdos nos quais cada participante dava importância, tanto do ponto de vista da repetição, quanto da carga emocional. No terceiro e último passo, as entrevistas foram codificadas em categorias, visto que o processo de codificação de histórias orais deve seguir por etapas, a fim de iniciar por uma ampla identificação e articulação dos dados, denominada codificação aberta, analisando a partir daí, o potencial do material empírico com o conhecimento da pesquisadora sobre o contexto. Assim, extraímos elementos conceituais que foram agrupados (STRAUSS; CORBIN, 1991 apud SANTOS; NÓBREGA, 2002). As trajetórias foram analisadas como um todo, reconstruindo a história sociocultural das mulheres articuladas com o tempo, espaço, valores e significados das vivências e associadas à reflexão do direito à cidade.

Outra importante parte da metodologia partiu de meu diário de campo, em escritas produzidas a partir das reflexões de cada uma das sete mulheres a cada entrevista. Ressalto a importância de pautar tais análises sob a ótica de algumas das obras de Conceição Evaristo, visto que a autora criou o termo “escrevivência” em sua literatura como forma de dar voz e valor às histórias de mulheres marcadas pelo preconceito, injustiças e dores de uma sociedade patriarcal que a todo momento tenta silenciar e anular as vivências femininas (EVARISTO, 2018). A junção das palavras escrever e vivência extrapola a soma das palavras, representa a vida que se escreve na e para a coletividade, não se esgotando na escrita em si, mas na vivência de cada pessoa e de como estas (d)escrevem o mundo que enfrentam.

Além disso, a forma de escrita aqui apresentada, parte do conceito trabalhado por Nêgo Bispo (ANTÔNIO DOS SANTOS, 2023): ‘palavras germinantes’, ou seja, palavras que são semeadas e, quando lidas, passam a ser adubadas, fertilizadas e assim, partilhadas de forma ampla, transcendendo a visão limitada que parte apenas daquilo que pode ser conceituado, referenciado a partir dos ideais da herança colonialista.

Para Santos (2023), o conceito de palavras germinantes parte da oralidade e o conceito de escrita parte do colonizador, porque vem da ideia das escrituras, da mercantilização dos saberes. Assim, trago, em certa medida, um contraponto aos ideais academicistas onde prevalecem a rigidez e a verticalidade, os saberes eurocristãos monoteístas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeira seção

“Tenho, no meu corpo, a minha completude que é diferente da sua...”
(EVARISTO, 2016, p. 84).

Os embates que envolvem a problemática do uso de drogas, apesar de ser uma questão mundial, pouco abarcam as necessidades singulares do gênero feminino que se visto com maior acuidade, são diversos. “A mulher se constitui de muitos jeitos, de várias formas, de diferentes raças, classes, crenças, orientações sexuais, mulheres de diferentes tempos, ainda que estejam todas vivendo numa mesma época” (VIANA, 2019, p. 61).

A ambivalência quanto ao processo de resistência ao modelo patriarcal e culpabilização desse lugar da mulher que deve ser a dona do lar, esposa que cuida se manifesta de diversas formas, principalmente no inconsciente, afinal, desde o nascimento, somos convocadas a ocupar o lugar de “Maria, a virgem”. Assim, o uso de drogas e submissão às violências por vezes entram nesse lugar, ora de transgredir, ora de submeter-se ao outro.

A bebida é uma tentativa de encontro com o prazer e de certa forma uma resistência ao modelo patriarcal, mas que ao ser vivido, resta a culpabilização. Feimata⁹, nome que significa

⁹ Os nomes fictícios escolhidos para preservar a identidade das participantes, trazem significados que buscaram descrever a sensação que tive ao escutar tais mulheres. Não por acaso, às mulheres negras, optei por escolher nomes que derivam de diversos lugares de África. Quanto às mulheres brancas, busquei pensar ainda, em algo que estas trouxeram como marca e/ou importância a si próprias, como a relação com cantoras de rock e ao sentimento diante do percurso de vida.

me ame, em Serra Leoa, é a primeira entrevistada que trago aqui: dança ao beber, mas se envergonha; não consegue impor as necessidades do seu corpo de dançar, principalmente pelo contexto social, que lhe diz o que é ser mulher, ou mesmo pela irmã, que a pune por beber. Reconhece lazeres de muitas famílias, como idas a parques e praças, mas não o faz, porque não é o seu desejo, seu maior desejo é dançar.

Feimata, 36 anos, mulher negra cisgênero, heterossexual, franzina, mas de voz potente e ao mesmo tempo meiga. Caçula de outros três irmãos (duas mulheres e um homem), dos quais conheceu pouco a irmã mais velha antes de seu falecimento. Não conheceu o irmão e vive com a outra irmã e dois sobrinhos. Não concluiu o ensino médio, já trabalhou realizando bicos em jornais e faxinando casas. No Cersam AD, onde havia chegado há algumas semanas da data da escuta e onde procurou auxílio para se organizar diante do uso intenso do álcool, procura e encontra formas de dar um tempo do contexto familiar e social que lhe aponta faltas e falhas.

Reconhece o lazer como parques, atividades de piquenique, com possibilidade de levar familiares, mas não vai. Circula na pracinha do bairro e, quando em uso de bebidas, localiza seu lazer no bar e na dança: *gosto demais da conta..., mas agora tenho vergonha, danço na hora que eu bebo*. Resta a reflexão acerca deste não lugar e sobre se o seu desejo - ou ausência dele -, que associa-se ao ideal de que Feimata não é mulher de família, pois bebe e dança. Ou então por reconhecer como lazer tais atividades, uma vez que estão dentro dos padrões sociais apontados para famílias ditas como tradicionais. Assim, o dançar é associado à posição desafiadora arquetípica de Lilith, necessitando portanto da bebida para fazê-lo.

Neste relato, a bebida tem a função de fazê-la apropriar do seu corpo, de sua completude como mulher, mas que lhe é quebrado quando a vizinha lhe diz que mulher no bar é feio ou então quando sua irmã lhe *nega até mesmo um prato de feijão com arroz como forma de punição*. Então, nesta ambivalência entre ser mulher que sente prazer ao dançar e ser uma mulher que não anda em bar, lhe resta o desejo da morte como a melhor saída, inclusive com várias tentativas. Quer cessar essa angústia que não sabe traduzir, mas que eu como a pesquisadora que a escuta, a vejo nesta reflexão de ser mulher neste território tanto do ponto de vista da identidade como quanto da delimitação geográfica, nasce impondo o binarismo entre o bem e o mal. Qual lugar resta a Feimata?

Há um discurso predominante do senso comum de que a rua não é lugar para mulheres, somando-se ao discurso carregado de estigma quanto ao problemático uso de álcool e outras drogas, que pode trazer significados subjetivos devastadores a estas, associados às pressões externas e internas que vivem cotidianamente.

De louca a fraca, de irresponsável e inconsequente, quem nunca ouviu frases como: mulheres que bebem não merecem respeito ou ainda, é muito feio homem que usa drogas, mas mulher é horrível (FERNANDA ALMEIDA, 2017, p.60).

Assim, no CERSAM AD, Feimata procura e encontra formas de dar um tempo do contexto que lhe aponta faltas e falhas. Como muitas mulheres, foi e é marcada por estigmas, mas há ali algo que faz com que esta mulher, com jeito de menina, franzina, mas ao mesmo tempo potente, diga *eu não me importo!* Seja para a vizinha, ou a irmã. Sim, bem sei que ela se importa mais que o mundo que a aponta, mas ali, naquele serviço, por algumas horas e em determinados dias ela pode e deve não se importar com nada além de si.

A rua para Gzifa, nome que traz em seu significado *aquela que está em pedaços* oriundo de Gana, parece ser o único lugar possível como tentativa de existência e resistência, mas ao mesmo tempo é também o lugar de objetificação dessa jovem mulher que ao tentar usar a rua para resistir à fome, é abusada por homens que ali transitam.

Gzifa, 22 anos, mulher negra, cisgênero, bissexual, traz recortes de uma vida perpassada pela miséria, abandono e angústias que parecem não caber na pouca idade. História familiar marcada por humilhações e pouco ou nenhum suporte. Mora com a irmã que parece ter maior organização, mas ao mesmo tempo fecha os locais de alimentação existentes na casa e limita o contato de Gzifa. Não há renda na família, essa irmã recebe uma cesta básica, mas sem permitir o acesso à Gzifa: *nós estamos com um monte de dificuldade... numa situação terrível... eu chego em casa, vejo a geladeira vazia e vou pra rua...*

Sobre si, diz *não saber o que quer da vida, se ficar em casa ou na rua*. O CERSAM AD torna-se então o lugar possível de oferecer algum lazer e de tentativa de descobrir, ainda que momentaneamente, o que quer visto que, minimamente, é através do serviço que circula por outros espaços. *Já fui ao cinema e ao teatro... eu gostei*. Encontra ainda algum afeto e o retribui, quando por exemplo, ao sair da sala ao final da conversa, mesmo que sonolenta e com todas as suas questões e dores, pede a um profissional *que ajude outra mulher que chora no serviço*. Há beleza e delicadeza em meio ao caos e a dor? Gzifa parece tentar essa busca pelo cuidado e por alguma beleza, a partir do cuidado com seus pares no serviço.

Traz o estar na rua como fuga e, ao mesmo tempo, tentativa de sobrevivência, uso de drogas e vulnerabilidade. “Mangueia” - termo utilizado para descrever o ato de pedir dinheiro nas ruas -, nos sinais para comprar um lanche e usar crack. Esta mesma rua, que lhe gera a possibilidade de diminuir a fome, também é o espaço da violência, como quando relata que foi estuprada. Em contrapartida, lembra também que gosta de brincar: *eu gosto de brincar de lazer... correr, jogar peteca, futebol*. Praticava tais brincadeiras na escola, mas que hoje são só

lembranças, pois parou de estudar na oitava série. Ao ser questionada sobre sua motivação, me diz: *a minha maior motivação é morrer moça.*

Assim como Feimata, vivencia cotidianamente a sua morte simbólica, devido aos valores impostos socialmente, principalmente pela religiosidade cristã monoteísta trazida na invasão pelos europeus em que Deus é único e onipotente, onisciente onipresente, inatingível, desterritorializado e acima de tudo e de todos, tende a se organizar de maneira exclusivista, masculino e assim se desenvolveu a sociedade patriarcal, onde a mulher é violentada, diminuída. Então, pensa na morte física como única saída para se libertar diante de violações e violências que vivencia (SANTOS, 2015). Uma das violações é o direito à educação. A escola é um local que lembra com prazer: *na escola eu gostava de brincar, aprender coisas legais como multiplicar*, mas que não faz mais parte de suas ocupações cotidianas atuais. Então se atém ao básico, que é alimentar-se e mesmo isto não consegue, pois ao tentar “manguear” o dinheiro para o lanche na rua é na rua que é violentada como moeda de troca. Assim talvez, o circuito da busca pelo crack promova essa interrupção momentânea. Ora da fome, hora da violência.

É preciso trazer à tona discussões sobre a problemática de gênero a fim de que esta ganhe destaque. Como descrito por Pinheiro (2017, p.44), “a cidade é perversa especialmente para as mulheres ao restringir ou até bloquear o seu direito de ir e vir tranquilamente”. Quanto à circulação das mulheres, observa-se que esta é ainda mais restrita. O corpo feminino circunscrito na cidade, não é apenas um corpo. Há uma marca da objetificação, da dominação, do preconceito, da percepção de uma fragilidade e em consequência desta, a justificativa dos mais diversos abusos sejam estes do uso de substâncias psicoativas ou mesmo destes corpos que habitam e circulam a cidade (SOUZA; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2014). Não ter um lugar para estar e nem para ir, impossibilita a Gzifa de ter um corpo que se complete. A droga então, parece vir ocupar esse não-lugar, a incompletude do não ter, do não ser.

Rusha - nome de origem Nigeriana, que significa *libertar-se*, é uma mulher que antes de ser atravessada pela bebida, experimentou e ainda experimenta a incompletude de ser mulher negra em um contexto familiar predominantemente branco. Essa marca na pele e em sua história de vida, perpassou a todo momento durante a escuta. Eles (tios e demais familiares) *me tratavam com desprezo, porque a mamãe é loira, papai é preto. Ai misturou, né? ... E eu fui a única que nasci com essa cor... fui criada por vovó, mãe do papai que era negra, aí eu tinha mais privilégios.* Segundo Lucas Veiga (2019) apud Daniela Xavier, et al. (2019, p.3), há uma hierarquia da branquitude capaz de levar ao sofrimento psíquico do tornar-se negra. Tal cerceamento, que pode ser consciente ou não, reverbera diretamente na

maneira como pessoas negras relacionam-se entre pares. Para além disso, o processo de colonização em torno do branqueamento dos corpos, promove distorção da própria imagem resvalando em “sentimentos de baixa autoestima, autodestruição, e auto ódio”.

Rusha, 61 anos, mulher negra, cisgênero, heterossexual, ensino médio incompleto. Mulher de olhar firme e de voz doce, manteve-se elegante, centrada, muito emocionada, o choro por vezes veio à tona, mas a fala forte e potente seguiu durante todo o tempo da conversa. Vaidosa, disse que *gosta de estar bem vestida, de bons perfumes, do cabelo sempre bem arrumado...* Não por acaso, visto que sempre foi a *irmã feia*, devido a cor de sua pele. Traz em sua história as marcas das violências cotidianas vivenciadas por todas nós, mulheres, em sua grande maioria de forma sutil. Relata que ao engravidar, aos 19 anos, *vovó viu uma resolução de não casar com ele, era médico e tava com o começo do princípio da coisa ... aquelas coisinhas de família...* Novamente, retrata o não lugar da mulher preta na vida, dessa vez, ao renunciar a possibilidade de construção de afeto e família, não porque não havia desejo de sua parte, mas sim por tratar-se de abdicar de seu desejo em função do privilégio do homem branco, estudante de medicina.

As pessoas negras não são marcadas somente pelo seu lugar na desigualdade de classe, mas são consideradas e tratadas como inferiores e não humanas devido ao peso do racismo. Isso as torna muito mais vulneráveis: são tratadas e consideradas como não humanas, por isso, passíveis de violência e extermínio (NILMA GOMES, 2021, p. 440).

Ao ser questionada sobre as escolhas, mais uma vez traz o fato de ter sido reprimida, tinha desejo de estudar, ter uma profissão melhor, queria ter aprendido mais, gostava de aprender. Isso me faz refletir sobre quantas renúncias Rusha já teria aos 19 anos, grávida de alguém que, segundo a família da mesma, teria um futuro. E ela? Como se constituiria o seu futuro, assumindo cuidados de uma filha e abdicando de seus projetos? O uso do álcool parece então, tomar um lugar que, em certa medida, traduz a busca por uma completude que é singular à Rusha e não nos limites e/ou desejos impostos a ela por sua família. Ao escutá-la, a sensação que me veio é de que a bebida, apesar de trazer muitas angústias e prejuízos, também exerce essa função do enfrentamento frente aos mandos que vivenciou durante toda a sua história.

As mulheres são as que se fizeram e fazem presentes nessa história. Ainda criança, aos sete anos, Rusha, a mãe e seus cinco irmãos foram abandonados pelo pai que retornou dez anos depois, convalescendo por um câncer já em fase terminal. Sobre tal ocorrido, Rusha narra que *carrega muita vergonha dentro de si por ter sido abandonada*. A posição de culpa da mulher diante dos fatores externos vem à tona. Sente vergonha dentro de si por um

abandono que lhe toca, por um ideal de família esperado e não constituído, ideal de família que também não se fez com o pai de sua filha.

Durante toda a entrevista, enfatizou *que foi criada de forma muito rígida, para ser uma boa menina... você sabe, aquelas coisinhas de família*. Ao mesmo tempo, apresenta-se ambivalente quanto à demanda familiar em ser boa menina e, aos poucos, ir se revelando *rebelde*. Sempre foi convocada a este lugar de boa moça, assim, o uso de álcool, com seu início *bebendo as bebidas da avó, que ficavam na sala escondida*, bem como a maternidade aos 19 anos, parece entrar na tentativa de exercer alguma completude e autonomia sobre seu corpo. É possível ainda, pensar nesta dualidade de informação dada a Rusha pela família: ao mesmo tempo que quer que ela seja boa moça, as bebidas da avó sempre estiveram ao alcance para que fossem pegadas de alguma forma.

A ideia da culpabilização de uma pessoa, seja pelo abandono do pai, seja, por pequenas transgressões como o pegar bebidas, analisadas na perspectiva da intersubjetividades, não é possível que sejam realizadas sozinhas. Somos constituídas nas relações e ninguém faz nada sozinho, novamente, sempre estamos entre dois, três, quatro entre outros infinitamente. Assim, o pegar bebidas talvez não tenha sido realmente escondido, havia de certa forma um consentimento ainda que inconsciente autorizando o ato. Para Ferreira (2013) apud Katruccy Medeiros; Silvana Maciel; Patrícia Sousa (2017, p.440), o uso de drogas por mulheres, segue o sentido contrário daquilo que sempre foi imposto e socialmente aceitável acerca da figura feminina. Novamente, a posição de boa e virtuosa também denota uma imagem da mulher frágil, amorosa, passiva e portanto, a estas está limitado o lugar do cuidado e servidão, sempre buscando o enquadramento aos moldes daquilo que é ideal.

Durante nossa conversa, Rusha trouxe também em seu discurso a preocupação quanto ao cuidado de outras mulheres, do suporte entre pares que é dado a partir do convívio em grupo, algo que busca no CERSAM AD. Fala da importância da autoestima da mulher, da escuta e cuidado físico e estético entre elas, de como é bom ser reconhecida e chamada pelo seu nome dentro de um serviço de saúde, visto que fora não sente que recebe o mesmo olhar. *É como se a gente fosse gente... porque chega um tempo que você não é gente, parece que vira bicho*. Tal percepção narrada, traduz além do sentimento de não pertencimento, a percepção da abjeção de seus corpos. Como se essas mulheres estivessem à margem do que representa a humanidade, daquelas que são consideradas como sujeitos. É como se vivessem fora da cidade, onde cotidianos acontecem e elas não fossem consideradas gente, mas bichos.

De acordo com Carla Rodrigues e Paula Gruman (2021), o conceito de abjeção é diferentemente debatido a partir de múltiplas análises de contexto, mas demonstra que existem corpos que não são passíveis de inteligibilidade ou mesmo de luto. Isso mostra a profundidade da vivência das mulheres usuárias de álcool e outras drogas, vítimas de mais uma violência, em que na cidade podem nem mesmo serem consideradas como seres humanos. Neste sentido, o serviço de saúde torna-se um território tranquilo, por vezes único de circulação e convívio.

Rusha me causou sentimentos de emoção e enternecimento com suas analogias acerca do olhar que é lançado às mulheres que fazem uso de drogas. Palavras tão fortes quanto seu olhar choroso, profundo, de encontro aos meus durante toda nossa conversa. Olhar e corpo marcaram presença por serem, ao mesmo tempo profundos, carregados de dor, mas ainda capazes de demonstrar doçura e ternura. Trabalhando há tantos anos na saúde mental, especificamente no campo de álcool e outras drogas, percebo o quanto tais mulheres parecem não reconhecer criticamente todas as violências e violações às quais estão expostas. Em outros momentos, reflito se na verdade, o uso também não entra no lugar de tamponar as dores do saber/sentir pelo que passam. Fato é, que ainda assim, elas estão dispostas quando há espaço e acolhida, a retribuir afeto, atenção e cuidado quando escutadas.

Diante da pergunta sobre o olhar direcionado às mulheres que fazem uso de substâncias psicoativas, recebo a seguinte resposta em forma de analogia:

é um trapo de de de menstruação igual antigamente que tinha que jogar fora. Um trapo. Que não são aceitas, é uma coisa assim nojenta, cê tá entendendo? Eu já me senti um trapo, é aquele pano que cê põe depois cê tem que jogar fora porque fede e tudo mais. E as pessoas não aceitam é é a há preconceito. Né? Há preconceito. Por causa da droga da mulher. Mulher foi feita pra ser a princesa do homem, né? E tudo mais, a delicada...

Tal analogia descrita por Rusha acerca do olhar para as mulheres usuárias de drogas, busca traduzir o sentimento em torno das representações e discursos sociais que as depreciam e excluem, contribuindo então para o favorecimento de adoecimentos que as levam cada vez mais ao encontro com as drogas. Ao relatar então, que o preconceito ocorre por causa *da droga da mulher*, me parece que Rusha descreve a culpa não em torno da droga, mas sim em torno destas, novamente subjugadas e colocadas no arquétipo de Lilith. Tal posição, marca a dinâmica opressora e violenta em torno do tornar-se mulher. Essa citação em particular, me remeteu à Grada Kilomba, em seu livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” em que a autora descreve sobre os discursos marginais. Segundo Kilomba (2019, p.57), tais relatos/histórias narradas em sua maioria com “dor, decepção e raiva... não são histórias pessoais ou reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo”. Assim foram todos os

relatos trazidos por Rusha, repletos desses sentimentos. Traduzidos hora por analogias e em outros por choro, silêncio.

Sobre a perspectiva de compreensão do lazer, diz gostar muito de *passar com o neto, ir ao shopping, ir à igreja, limpar a casa, molhar as plantas, chegar no muro, olhar para cima e para baixo...* Também localiza como lazer os almoços em família e assistir séries, coisas simples. Não gosta de circular pela cidade, por temer bares e lugares de uso do álcool. Na verdade, parece se limitar e, a partir disso, reorganizar quase toda a vida e rotina em função do temor acerca de beber. Outra analogia marcante de Rusha foi ao falar sobre a forma como lidou com a interrupção do uso do álcool. *É preciso ter vômito para a vida*, reflexão feita por ela tanto no sentido literal quanto figurado. Este ato, tão importante segundo a mesma, busca não só a limpeza do corpo físico, como ainda do impulso que, após o ato de vomitar, gera alívio e direciona para melhoria e bem estar. Para Rusha, talvez seja o vômito para a vida que a aproxima do ideal de Maria, a figura de mulher socialmente aceita.

Assaggi, de significado *forte*, nome próprio que vem de Zimbábue, 38 anos, mulher cisgênero, preta retinta, heterossexual. Ensino fundamental incompleto, conta que parou de estudar em função da intensificação do uso de álcool e outras drogas, ... eu juntava com as meninas. *Em vez de eu dormir cedo pra ir pra escola. Não. Eu ia pra gandaia e chegava no outro dia.* Diz sentir falta do estudo, de gostar e ter facilidade em aprender matemática apesar da pouca leitura. Diz ainda de certo desejo em retomar os estudos, mas a vergonha parece ser maior que tal desejo. *Eu sinto* (referindo-se a falta dos estudos), *mas só que hoje eu tenho vergonha de voltar.*

Outro discurso que permeia não apenas a escuta de Assaggi, como das outras participantes, foi o da vergonha. Seja quanto ao ato do uso de drogas em si, como também as repercussões subjetivas e sociais deste na vida dessas mulheres. A ausência de estudos, ruptura de vínculos familiares, o exercício de trabalhos informais, entre outros, sempre atravessam suas vivências. Além do mais, tais falas expressam as particularidades de como se percebem enquanto mulheres em seu papel na sociedade. Mais uma vez, o arquétipo de Lilith, segue colado à história de vida, desta vez, de Assaggi. Mulher preta, usuária de álcool e crack, socialmente, a esta não é atribuído nenhum valor social. Resta então, além do peso da vergonha, a culpa e responsabilização pelo fracasso diante da expectativa e construção social. As declarações são sempre carregadas de sentimentos de culpa e vergonha. Ao mesmo tempo em que também é possível acolher o efeito ambivalente quanto ao uso da droga enquanto espaço de liberação de tantas preocupações e julgamentos que as cercam, assim, o uso de substâncias ilícitas, mesmo que momentaneamente, faz cair por terra o ideal de tais papéis

sociais e da busca pelo lugar de Maria, a virgem, produzindo alívio da culpa e da vergonha diante da tentativa reivindicatória pela autonomia.

Como já supracitado, o papel da mulher que faz uso de álcool e outras drogas é depreciativo, alvo de moralização, desqualificação e despersonalização enquanto pessoas desejáveis e as colocam como pessoas que ameaçam o convívio social e lhes atribuem rótulos de periculosidade (MEDEIROS; MACIEL; SOUSA, 2017).

Assagi nunca exerceu trabalho formal. Assim como a mãe, trabalhou como faxineira e babá. Reside em um lote com a família: mãe, pai, filho e dois irmãos. Relação complexa com o pai, mas muito próxima da mãe. Também descreve bom vínculo com o filho. Oito irmãos, dos quais um faleceu em um acidente automobilístico em contexto de intoxicação por uso de álcool. Como as irmãs não residem no mesmo lote, traz o ponto de ser a única mulher a permanecer no circuito familiar e de ser convocada aos cuidados com os dois irmãos com diagnóstico de esquizofrenia. Os irmãos também fazem uso de drogas.

Morou por oito anos com um companheiro que, segundo a mesma, *morreu de desgosto pela perda de um filho e porque eu bebo. Ele nunca gostava, gostou de eu beber. Morreu do meu lado me chamando.* Após esse fato, se relacionou com o pai de seu filho de sete anos, não possuindo nenhum vínculo com este, visto que havia exigido de Assaggi que abortasse o bebê. A criança só possui o registro da mãe. Há seis anos em uma união estável, também marcada por conflitos e agressões graves, ambos fazem uso de SPA, Assaggi se apresenta ambivalente quanto ao relacionamento. Ao mesmo tempo em que reconhece todo contexto de violência e reflete sobre um possível término, retifica dizendo que *também não é fácil e que há momentos bons quando não estão em uso ... ele fala que gosta de mim mas é pior que eu, ciumento. Muito ciumento. Eu não posso conversar com homem nenhum, não posso conversar com mulher.*

Resgatando o ponto em que discorro sobre lugar da mulher dentro da sociedade patriarcal, que imputa a estas necessariamente a identidade mística e religiosa associada à figura de Maria, percebe-se quão violentas e cerceadas podem ser as relações e parcerias afetivas estabelecidas às mulheres. Aos homens é permitido o mundo e o exercício dos prazeres e liberdade em todos os âmbitos, inclusive o exercício sobre o controle dos corpos destas (LIANA BOLZAN, 2015).

Em acompanhamento no CERSAM AD há cerca de três anos, Assaggi tem passagens marcadas por momentos de maior acompanhamento e abandonos, mas reconhece o serviço como importante ponto de suporte e cuidado nos intervalos e organização da vida diante do uso de crack e álcool.

Considera como lazer, a bebida. *Meu lazer é só a bebida* e tem apenas a praça do bairro como ponto de circulação da cidade e interação com demais pessoas das quais sente-se acolhida neste espaço. *Eu sento lá, bato papo. Faço amizade com um aqui, faço amizade com um ali.* Diz não circular pela cidade, apenas vai ao CERSAM AD, local de tratamento. Novamente, assim como outras participantes, encontra nos momentos de uso ou nos espaços destinados a produção de intervalos deste, vínculos e afetos. Espaços limitados, assim como o lugar da mulher dentro da sociedade, em especial às mulheres negras.

Assaggi diz não ter algo que a motive na vida, nem mesmo o filho, mas segue enfrentando, suportando e passando por ela com coragem e força. Assaggi foi a última mulher a partilhar sua história de vida. Em comum com as demais, tem as marcas das violações de direitos em sua trajetória, mas segue com a força descomunal e, mesmo que eu tente a partir da representatividade de um nome, descrever a imensidão que ela e as outras são e trazem a partir das vivências, penso que tal potência subjetiva não pode ser alcançada.

Importante ressaltar que trazer esses quatro primeiros relatos pelo recorte da interseccionalidade e também a partir das histórias de vida se fez necessário, uma vez que o recorte racial é determinante nas vivências das mesmas. Das sete entrevistadas, as mulheres que se autodeclararam negras foram as com menor índice de escolaridade e condições de vida mais precarizadas e cercadas de pouca ou nenhuma oportunidade, bom suporte social e familiar, além de vivenciarem violências e violações diretamente ligadas à cor. Kilomba (2019, p. 71), resgata que a ausência de discussões na academia sobre o racismo “revela o desrespeito em relação aqueles que o experienciam”. Ainda de acordo com a autora, as experiências trazidas a partir dos estudos, quando feitas, não tornam as pessoas negras visíveis a partir de suas próprias histórias, autopercepções, mas sim a partir da conjuntura enviesada da branquitude.

De acordo com Giselle Pinto (2006), o racismo está diretamente relacionado à inferioridade social de negros e em particular, das mulheres negras, em detrimento aos privilégios imputados às mulheres brancas. Assim, as repercussões a partir do racismo, fazem ainda com que outras violências como o sexismo, por exemplo, produzam desigualdades sociais capazes de afetar a qualidade de vida das mulheres, que irão reverberar ainda em seus contextos de saúde, educação e trabalho. O uso de drogas, por tanto, pode ser compreendido como a saída possível para lidar com tantas mazelas.

Segunda seção

“Nada me garante que a espera pode me conduzir ao que quero. Na espera, temo que os dias me vazem entre os dedos... o tempo é curto, por isso, desde menina, sempre corri ” (EVARISTO, 2016, p. 70).

O uso de drogas deflagra cenários permeados por representações sociais que deslegitimam e desvalorizam as mulheres usuárias de substâncias psicoativas, o que as direcionam para o lugar de exclusão social e estigma. As mulheres são destinadas às funções domésticas, visto que o lugar socialmente estabelecido a estas é o da passividade e fragilidade. Quando, enfim, tal imposição socialmente aceita é reivindicada, seja através do enfrentamento econômico e social, ou mesmo por meio do uso de drogas, ainda que de forma problemática, a culpabilização imputada pode gerar outros processos de adoecimentos (MEDEIROS; MACIEL; SOUSA, 2017).

As mulheres são culpabilizadas pelo seu adoecer. Sobre a culpabilização dos indivíduos, Fernanda Macedo, Adriane Roso e Michele Lara (2015) destacam que historicamente, suposições ligadas ao raciocínio higienista, atribui problemas de saúde ao comportamento ou ao envolvimento com práticas insalubres ou imorais, culpabilizando assim, as pessoas. Ainda, segundo as autoras, um exemplo dessa problemática relaciona-se ao discurso que impõe à prostituição a responsabilidade pela disseminação de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Esta, por sua vez, também está intimamente ligada ao viés do uso de álcool e outras drogas, trazendo então, outro agravante na percepção e julgamento moral, quando se comparado ao que socialmente é aceito. Tal apontamento oriundo do senso comum, contribui para o sentimento de inutilidade entre esse público e para a construção de sinônimos culturais na mente coletiva em relação a discursos incutidos de imagens negativas e capazes de prejudicar ainda mais a mulher usuária de drogas.

As próximas três histórias de vida que serão relatadas nesta seção, descrevem as vivências de mulheres cisgênero que se autodeclaram brancas, com orientações sexuais diversas, idades entre 49 a 54 anos e longo percurso de acompanhamento nos CERSAM AD de Belo Horizonte. Suas vivências, apesar de distintas, trouxeram algo em comum durante a escuta, o tempo, ou melhor, a correria frente ao mesmo.

Pilar, que traz um significado bastante literal: *coluna que suporta uma construção ou outro tipo de estrutura, e de fato, há de ser forte para suportar!* Foi a terceira mulher a relatar sua história de vida. Retomando a perspectiva do correr da vida, lembro-me de registrar em meu diário de campo a sensação de pressa diante das demandas do dia a dia, de perceber a dinâmica corrida do serviço de urgência em que a escutei naquele dia, bem como do apressar

de Pilar diante da necessidade em trazer sobre sua vivência. Aos 25 de março de 2022, data em que nos encontramos pela segunda vez no serviço em que faz acompanhamento, Pilar estava bonita, bem vestida, maquiada, cabelos grisalhos longos e soltos. Pareceu-me ter se preparado para trazer sua história tanto do aspecto físico, quanto emocionalmente, o que se confirmou ao longo de nossa conversa. Ao chegar, de pronto ela se levantou e veio até mim, caminhamos lado a lado conversando sobre amenidades naquele serviço agitado e barulhento até a sala onde dialogamos a sós, buscando certa calma externa e interna, acredito que para ambas. Voz potente, presença marcante, postura elegante e muito falante, traz em sua história de vida um discurso colado às angústias acerca do uso de drogas, uma vida literalmente atravessada por estas substâncias.

No momento da entrevista relatou *estar bem e satisfeita consigo* por estar conseguindo produzir intervalos, não apenas das drogas, como também das relações que sempre lhe tomam o tempo. Apresentou um discurso literalmente colado às angústias inerentes do uso problemático de álcool e outras drogas. De fato, uma vida atravessada pelos impactos deste uso.

Filha de mãe desconhecida, foi criada pela avó paterna durante a infância e na adolescência por seu pai e madrasta, convivia ainda com duas irmãs, fruto da união do pai com a madrasta, com as quais não teve bom vínculo. Sobre a mãe, diz que nada sabe, *minha família fala que eu fui rejeitada*. Relata uma infância feliz, apesar de pouco cercada por pares da mesma idade e localiza que na adolescência a partir do encontro e moradia com o pai, madrasta e irmãs, passou a sofrer novas rejeições. *Minha família conta que minha mãe era muito bonita que eu parecia com ela, então por ciúme eu não era bem tratada e percebia que minha madrasta não tinha o mesmo amor igual tinha pelas filhas dela*.

O contexto de violência intrafamiliar, a ausência de uma demanda de afeto não correspondida e também marcada pelo ciúme das relações do pai, como se os dias e oportunidades lhe escapassem, Pilar talvez na pressa de alcançar qualquer completude em direção ao que queria, talvez a partir de uma demanda de amor, revela sobre seu *encontro com as drogas*. Catia Bernardy e Magda Oliveira (2010), descrevem que o uso de drogas pode estar associado ao fenômeno da estrutura familiar, assim, este torna-se a maneira que se estabelece para lidar com os conflitos.

A família está implicada no desenvolvimento saudável ou não de seus membros, pois ela é compreendida como o elo entre as diversas esferas da sociedade. A relação familiar, a atitude e comportamento dos pais e irmãos são modelos importantes para os jovens, e atuam como fator de proteção para o uso de drogas (BERNARDY; MAGDA, 2010, p. 12).

Marcada então, pelo correr da vida em se perceber aceita, amada e respeitada em algum lugar, Pilar aos 15 anos, casa-se e busca em uma nova configuração familiar algo que lhe trouxesse uma relação saudável não encontrada naquele contexto de pai, madrasta e irmãs. Entre os 18 e 23 anos teve seus dois filhos (uma mulher e um homem respectivamente), aos 26 anos, já imersa no uso de drogas, relata ter pedido *para fazer ligadura para não correr o risco de ter mais filhos. Eu só consegui manter abstinência na gestação porque tomei medicação e porque meu marido tinha condições de sustentar meu acompanhamento psiquiátrico*. Sente-se culpada por não ter conseguido gestar os filhos distante das drogas, de não exercer a função de cuidado materno durante os primeiros momentos dos filhos, a culpa está imputada e reforçada pela família. Cercada por tal culpabilização, e nessa busca pela descoberta acerca do que realmente se quer, Pilar aos 28 anos decide separar-se pensando que ao se afastar do marido, também usuário de SPA, conseguiria cessar o uso e, talvez não mais perceber que sua vida e seus dias lhe escapando por entre os dedos.

Ainda que de forma inconsciente, Pilar, assim como a mãe que desconhece, confia o cuidado dos filhos por um período ao pai, seu ex marido e este por sua vez, entregou os cuidados dos filhos à mãe, avó das crianças. De certa forma, parece haver um retorno à própria história de Pilar que por um período de sua vida, foi criada pela avó paterna, após pela madrasta. Hoje, reside com o filho, já a filha reside em outra cidade. Com relação ao convívio com o filho, novamente se culpa quanto ao fato de o mesmo ter iniciado uso de cocaína e diz que *ao permanecer em tratamento e abstinência, pode fortalecer o filho*.

Ainda sobre as relações, conta de um companheiro com quem se relaciona há quatro anos e que conheceu no CERSAM AD, *eu gosto muito dele, a gente se dá bem, mas ele já me agrediu fisicamente quando estava muito chapado, fiz BO (boletim de ocorrência)*. Agora, *por exemplo, ele não está bem, a mãe dele fica me ligando, eu gosto dele, mas tem alguns momentos que não sei... Quando ele está tratando, ele é outro sabe?* Mônica Fejes, Sabrina Ferigato, Taís Marcolino (2016), elucidam que o uso de álcool e outras drogas remetem a elementos intrinsecamente ligados à pessoa em uso, ao contexto em que se insere, bem como a substância de sua escolha. A inter-relação entre tais elementos reflete uma dimensão complexa que vai de encontro às subjetividades de cada pessoa. Quanto às mulheres, o uso de SPA causam para além do prejuízo de si, a culpa que imputa a estas muitas vezes a responsabilização pelo cuidado e melhora do outro, tamanha fragilidade nos relacionamentos interpessoais.

Durante os 37 minutos da entrevista, Pilar falou sobre drogas enfatizando recortes dos prejuízos vivenciados nas relações familiares, amorosas e no trabalho, como quando relata que *só era possível exercer a função de faxineira em um hotel sob efeito do crack, até ser flagrada fazendo uso dentro do local de trabalho*. Apesar de todas essas mazelas, Pilar também foi capaz de localizar muitos momentos importantes no trabalho, *como quando vai à clínica de estética da irmã aplicar massagens nas clientes*. Fala sobre momentos de lazer e circulação pela cidade e diz se sentir feliz *quando consegue estar bem para sair com o filho, namorado, pai*. Relata amplo repertório de circulação como clubes recreativos, teatros, cinemas, parques, mas sempre relacionados a espaços e momentos destinados ao acolhimento de populações em situação de vida nas ruas e outras vulnerabilidades. *Gosto de ir aos eventos dos abrigos, das igrejas, também tem muitas ONGS que ajudam, dão coisas, fazem passeios, vão a lugares diferentes*. Parece então que a rotina e os afazeres de lazer e (re)conhecimento dos espaços da cidade são vivenciados no cotidiano de Pilar a partir das idas ao CERSAM AD e outros dispositivos de assistência, uma vez que associa sua circulação nesses espaços a partir dos serviços e não de forma autônoma. Diferentemente das mulheres negras, Pilar, mulher branca, mesmo sendo usuária de drogas e vivenciando estigmas e algumas repercussões frente ao uso problemático, tem outra vivência de circulação pelos espaços da cidade. Há aqui um recorte de raça importante a ser enfatizado. De acordo com Asad Haider (2019), existem inúmeras circunstâncias em que o fenômeno raça surge e tais situações diferem entre si. A ideologia racial acaba categorizando as pessoas de acordo com características físicas específicas, tornando assim, arbitrarias as implicações e tratativas sociais direcionadas às pessoas negras. Assim, a segregação, violência e limitações sociais impostas pelo racismo estrutural reverberam ainda mais nas histórias de vida das mulheres negras, especialmente aquelas que fazem uso problemático de álcool e outras drogas, ao limitar seus espaços de circulação.

Pilar, também semelhante às companheiras que fazem acompanhamento no CERSAM AD, encontra *cuidado e estabilização a partir da escuta e medicação*, ampliando seus espaços de circulação. Consegue ponderar, ter crítica e se colocar enquanto mulher que possui direito a ser tratada de maneira digna diante de um episódio de violência institucional sofrido em outro serviço de saúde, a partir do cuidado e afeto que diz receber no CERSAM AD. Para Fejes, Ferigato e Marcolino (2016), as atividades extramuros dos serviços, a escuta, os grupos, estabelecimento de outras parcerias e trocas acerca de vivências, em certa medida semelhante quando se trata do uso de drogas, geram sentimentos de valorização, respeito auto

estima, autonomia capazes de auxiliar em fatores como a proteção individual e desenvolvimento de crítica sobre como ser acolhida de forma empática e humanizada.

Pilar, assim como outras participantes, disse do desejo em dar cabo de sua vida, discurso este, sempre associado, à percepção inconsciente de um viver sem sentido, a partir das violações e violências subjetivas. Tal desejo pelo encontro com a morte de forma objetiva, não parte do ideal suicida, mas sim de uma sensação de angústia e do sentimento de não pertencer a nada que é tão intenso, que desloca para o ato concreto. Mas, ainda que cercada por tantas violências e abandonos, há algo que faz com que esta mulher me surpreenda ao responder à pergunta o que a motiva a continuar viva dizendo com sorriso largo: *Hoje? Ah, eu mesma! Eu tô vendo que eu gosto muito de mim!*

Recordo-me que no dia de nossa conversa, fiz anotações em meu diário de campo sobre meu sentimento de ansiedade e preocupação com o tempo, ou falta dele. Falta de um tempo que era meu, não dela! As reflexões sobre como o processo de escuta foi prazeroso e doído ao mesmo tempo, me vieram à tona na entrevista de Pilar. Lembro-me ainda de ter realizado contato telefônico previamente a fim de saber se ela havia chegado ao serviço e que, diante da resposta positiva, pensei em desmarcar, mas logo em seguida quem foi atravessada fui eu, pelo sentimento de culpa e por perceber que não seria justo com esta mulher que eu faltasse com ela por não estar em um bom dia. Ao chegar ao CERSAM AD, percebi que, apesar de todas as questões que Pilar havia vivenciado não apenas antes de chegar ao serviço naquele dia, mas na vida, não a impediu de dizer com largo sorriso que ela *estava bem!* Bem para e por si mesma! Tal partilha me fortaleceu e me fez esquecer por pouco mais de meia hora, o barulho externo e interno e voltar para nós e por nós.

Cássia, nome de origem Hebraica que representa *vazia, que não tem o que necessita*, também me lembrou durante nossa conversa a cantora Cássia Eller, mulher da qual a participante sempre nutriu grande admiração enquanto *...cantora, lésbica parecida comigo...* como dito pela entrevistada durante nossa conversa. Mulher branca, cisgênero, lésbica, 50 anos, ensino superior completo, caçula de cinco irmãos. Apesar de graduada em fisioterapia, possui relação de amor e trabalho com a música e a partir desta, mesmo que em contexto de uso problemático de crack e álcool, consegue vivenciar amplo repertório cultural e de circulação por muitos espaços da cidade, o que a difere das demais mulheres negras e mesmo as outras duas participantes brancas que compartilharam suas histórias de vida nesta pesquisa.

Cássia participou da entrevista no mesmo dia em que fui ao CERSAM AD para falar sobre a pesquisa durante o grupo de mulheres realizado semanalmente naquele serviço. Já nos conhecíamos do outro CERSAM AD do qual trabalhei e construí com Cássia seu Projeto

Terapêutico Singular¹⁰(PTS), há alguns anos. Ao retomar e transcrever a gravação de nossa conversa, fui também ao diário de campo a fim de captar percepções sobre o dia, porém percebi que nada havia registrado. Me causou certo desconforto perceber algo que tomei em primeiro momento como falha de minha parte e me coloquei a refletir se tal fato se deu por ter pouco tempo, por descuido ou por se tratar de uma mulher da qual já conhecia a história ou parte dela, como apreendi após a entrevista.

Porém, durante toda escuta e apesar do vínculo previamente estabelecido, acho importante destacar que não me percebi atravessada e/ou influenciada, ainda assim, durante a transcrição e análise da entrevista, percebi refletindo sobre esse percurso temporal, meu e dela. Cássia me pareceu de fato mudada, como ela mesma fez questão de enfatizar durante a conversa, elaborando sobre suas escolhas e sobre se reconhecer nelas e, inclusive, citando parte desse convívio no trabalho como ponto de reflexão. Assim como Cássia, também vislumbrei meus caminhos, escolhas, bem como situações que me levou ao encontro não apenas com ela, mas com todas essas mulheres da pesquisa e tantas outras que passaram e passam em meu viver e me direcionam, impulsionam a escrever, pesquisar, refletir e desejar que a partir da pesquisa, possíveis ressignificações e ações modifiquem em certa medida a vivência cotidiana permeada pela dureza, incompletude e correria do ser e viver enquanto mulher.

Cássia inicia sua história contando que passou a infância em uma fazenda e que a família sempre teve posses. Conta que *viu a vida mudar após o falecimento do pai, quando tinha nove anos de idade. Eu era grudada nele, você sabe né, filha caçula...* com a viuvez prematura da mãe, veio a dificuldade financeira, que fez com que a família tivesse que arrendar a fazenda, passando então a residir em Belo Horizonte. A partir dessa mudança, Cássia relata o início do uso de drogas. *Eu não queria vir morar na cidade... comecei a ter crises aos 14 anos. Bebia, fumava maconha... por rebeldia, para chamar a atenção da minha mãe que iria vender a fazenda.*

Aos 17 anos iniciou uso da cocaína e há oito anos, após o adoecimento de sua mãe, tentou encontrar no crack algum refúgio. Acompanhou todo processo de adoecimento da mãe, dedicando o cuidado a mesma durante sete anos. *Cuidar da minha mãe me ajudava a dar uma segurada na onda*, mas após o falecimento da mãe, imergiu profundamente no uso de álcool e

¹⁰ O Projeto Terapêutico Singular (PTS) é o principal instrumento de trabalho interdisciplinar dos CERSAM AD. A partir deste instrumento que inclui a participação de usuários, profissionais multidisciplinares, familiares e demais atores não apenas da saúde, mas também no cuidado intersetorial, busca-se a reinserção e construção de autonomia para das (os) usuários em sofrimento psíquico, tornando possível o cuidado de forma integral dentro dos princípios da Reforma Psiquiátrica.

crack. Conta que também perdeu a irmã mais velha diagnosticada com câncer, após a morte da mãe passou a viver com o irmão na casa da família, com este, sempre teve relação conflituosa, sofrendo vários episódios de agressão, até que, por via de medida judicial o retirou da casa.

Ainda sobre os vínculos familiares, diz ser bem próxima de uma irmã que vive em uma cidade próxima de Belo Horizonte e que a mesma além de a apoiar quanto ao acompanhamento no CERSAM AD, oferta ajuda financeira quando necessário, visto que Cássia exerce trabalho informal tocando e cantando em bares e, em outros momentos, trabalhando como garçone. Cássia traz a via do trabalho com a música como ponto de organização, autoestima e, às vezes sente-se constrangida *por não ter algo fixo*, tendo então de receber ajuda da irmã.

Em vários momentos da conversa, retoma sobre as circunstâncias de sua vida na qual sentiu que tinha escolhas, *mas não se equilibrou para lidar com as mesmas*. Reflito o quanto a culpa a todo momento é imputada às mulheres dentro e fora do contexto de uso de drogas. É importante compreender que a problemática relacionada ao uso de drogas está diretamente ligada a diversos fatores que se somam a partir das experiências vividas de maneira subjetiva e não no uso em si mesmo. Portanto, pensar o uso de drogas a partir de um viés de escolha consciente, reduz as pessoas em uso prejudicial (SÔNIA MARANGONI; MAGDA OLIVEIRA, 2013). Ainda sobre escolhas e fatores que direcionaram Cássia ao uso, esta descreve sobre o que denomina como:

luta diária contra a depressão, refletindo acerca do desejo em melhorar, em resolver a vida, poder retornar a faculdade e estudar música, ter uma namorada... a disposição está vindo aos poucos... descobri ano passado sobre as escolhas... tô me encontrando comigo mesma... aprendendo a estar comigo...

Há aí uma ambivalência entre a espera de um bem estar ideal que lhe escapa pelos dedos e do correr da vida e, ao que parece, Cássia desde menina, sempre correu. Da infância feliz que viveu no interior com pais e irmãos, a adolescência com a morte prematura de seu pai e migração para a cidade que a fez correr para os circuitos que a inicia no uso de drogas, até percorrer no correr da vida adulta, sempre às voltas quanto ao se drogar, exercer uma profissão, seguir em busca de uma formação que lhe possibilite dar continuidade à carreira musical, namorar, dentre outras perspectivas.

Quanto à relação com o uso de substâncias psicoativas, ora refere ser o crack seu maior impasse, constatando que a bebida por vezes entra como lazer, em outros momentos, diz ser a *bebida seu maior mal*, citando as sensações físicas da abstinência causada pelo álcool:

o maior problema é a bebida, é o de manhã que eu já levanto com vontade de beber, mas é força do hábito, meu corpo já não pede tanto. Fico lembrando da ressaca que eu vou ter depois, moral e física né, e ficar passando mal só com o cheiro da bebida... chega uma hora que seu corpo pede descanso.

Sobre a percepção das mulheres que se drogam, descreve recortes do preconceito não apenas com relação ao uso, como também acerca da orientação sexual. *Já, já aconteceu comigo já, com várias pessoas que eu conheço e por ser gay também né, e por ser gay, gay e drogada.* Cita ainda as violações que já sofreu em decorrência de tal estigma e preconceito como ser agredida, acusada de furto, entre outras privações. Historicamente, pessoas LGBTQIAPN+ estão expostas a maiores índices de violências. Sejam estas físicas ou emocionais. De acordo com Jeanderson Parente et al. (2015, p.112), ainda que não haja relação direta entre violência e uso de drogas, os impactos de tais ações podem culminar em

baixa autoestima, preconceito social, podendo este ser considerado desencadeador de episódios depressivos, sentimentos de culpa, medo, desconfiança, confusão, insegurança, ansiedade, vergonha, isolamento social, dificuldade de estabelecer e manter relacionamentos amorosos, disfunções sexuais, hostilidade, distúrbios alimentares e abuso de álcool e drogas (PARENTE et. al., 2015, p.112).

Mas, apesar de todo contexto de violência, traz em seu relato vasto repertório de lazer desde idas ao teatro a viagens... sobre a forma como se sente tratada nestes espaços, diz *sentir-se bem tratada*, porém, logo em seguida retoma outras cenas preconceituosas vivenciadas em alguns pontos da cidade de Belo Horizonte.

Há um ano e meio em tratamento no serviço onde realizamos a entrevista, conta os benefícios que tal serviço tem ofertado. Reforça seu longo percurso de acompanhamento na rede de saúde mental *há mais de dez anos*. Encontra no CERSAM AD (dentro e fora), propostas de lazer e cultura tais como *cinemas comentados, biblioteca, visitas ao circuito cultural...* espaços que, quando acompanhada, a faz *sentir-se menos violentada neste lugar de mulher gay, que faz uso de drogas*. Dentro desse sentimento, externaliza ainda sobre o lugar das muitas outras mulheres usuárias de drogas na cidade, são vistas

...como puta. Porque pensa, pelo fato, às vezes a pessoa até trabalha, consegue o dinheiro dela pra tá pagando a própria droga, mas é, ainda assim as pessoas pensam que você faz um programa pra poder usar droga. Porque você é uma vadia e não é por aí. Não é por aí, nem sempre. Tem muita gente que eu conheço que trabalha o dia todo, chega de noite quer fumar um baseado, quer dar uma cheirada num, na cocaína. E ou, fumar uma pedra que seja, pessoas que conseguem segurar a onda, outras que não né. E aí rola preconceito, ainda assim né, ah porque é vagabunda, porque cheira, não é bacana isso.

Nosso encontro se deu em 30 de março de 2022 e a escolha por este nome fictício como dito anteriormente, não se deu por acaso. Cássia, me trouxe muitas lembranças de

Cássia Eller. E, assim como Cássia Eller imprimiu em sua música, personalidade e voz as marcas de suas vivências, Cássia segue buscando mudar as estações de sua vida. *E ainda que nada mude, mesmo que tudo siga assim... tão diferente... nada e ninguém conseguirá mudar o que ficou...* e o que fica, em minha percepção a partir deste encontro, são desejos de vivenciar novas estações, experiências mais leves, desacelerar, construir novos motivos para não deixar tudo como está. Dentre as entrevistadas, Cássia foi a única que pareceu vivenciar os espaços de lazer e cultura de forma mais autônoma, de modo mais independente de outras usuárias dos CERSAM AD, o que pode ser entendido por seus privilégios enquanto mulher branca, graduada e trabalhadora da área cultural, facilitando esse acesso.

Cássia escolheu finalizar nosso encontro falando sobre amor e respeito e pedindo que tal recado pudesse ser repassado. *Eu gostaria de respeito ao próximo né, fosse uma coisa espontânea, entendeu, sem ignorância, respeitar seja lá gay, preto, branco, roxo, com bolinha amarela, tá faltando respeito e amor. Amor ao próximo, só isso.* Linda escolha Cássia, obrigada!

Das mulheres que participaram dessa imersão, Janis assim como Cássia, também me trouxe lembranças relacionadas à outra cantora de rock: *Janis Joplin*. Dentre todas as outras participantes, esta foi a mulher que mais ‘colou’ sua história de vida com relação ao uso de drogas reconhecendo este, *como ponto central de sua vida*. Durante os mais de 50 minutos de conversa, ainda que convidada a refletir sobre outros aspectos de sua vivência buscando certo distanciamento do discurso do uso, não conseguia. Mais tarde confirma que *sua vida foi e segue sendo marcada pelo uso*. Deixar de drogar-se então, parece ser a espera que escapa entre os dedos de Janis, assim, o correr em busca de tal cessação, a limita de fato a estar e ser na vida. Não sai com o filho, não sai sozinha, não se relaciona...

Para Souza, Oliveira e Nascimento (2014), o uso de drogas por mulheres demonstra que estas também são atravessadas pelos fenômenos da contemporaneidade, neste sentido, o uso de substâncias psicoativas surge como a busca por formas de lidar com os sofrimentos, sentimentos de solidão, incertezas, insatisfação quanto sua existência, ou mesmo como saída para tentar compreender as angústias. Hoje, aos 51 anos, apesar da vida permeada literalmente por marcas - físicas e psíquicas - geradas a partir do uso de drogas, tenta reinventar saídas possíveis, encontrando no estudo uma alternativa na produção de maiores intervalos, como estratégia de ocupar a mente, se dar outra chance que não a droga e a automutilação.

Em todas as cenas, traz a relação familiar como outro ponto de cuidado, mas também de estigma e ausência de crenças quanto a possibilidade de gerir sua própria vida, visão esta que é intrinsecamente reproduzida por Janis. Caçula de sete irmãos, mulher branca, cisgênero

e heterossexual, Janis conta que teve uma boa infância com possibilidades de lazer, *gostava de ir a parques, teatro, feiras, cinemas e ao Palácio das Artes*. Vinda de uma família capaz de oferecer uma boa qualidade de vida, conta ainda que *teve uma criação pesada, certinha e rígida*. Relata que o pai era etilista e que *cresceu achando normal as irmãs buscarem o pai em bares*. Perdeu pai e mãe ainda jovem, aos oito e vinte e quatro anos e localiza o falecimento da mãe como ponto de uso desmedido de drogas, *depois que meus pais faleceram eu fiquei muito louca*. Atualmente os irmãos residem fora do Brasil e Janis mora na casa de um dos irmãos, este também é quem oferta suporte afetivo e financeiro, não fala muito dos outros irmãos.

No dia 30 de março, data da realização da entrevista, havíamos participado primeiro do grupo de mulheres do CERSAM AD de referência de Janis explicando sobre a proposta da pesquisa e a mesma apresentava-se muito chorosa, cabisbaixa e introspectiva. Mais tarde, quando aceita no mesmo dia em que participamos do grupo de mulheres, contar sua história de vida, revela que não estava bem *pois estava com muita vontade de se machucar. Eu tenho esse grande problema que eu mesma me machuco... me cortando, me queimando... porque eu acho que às vezes alivia a dor pra mim... de fumar, de beber... porque eu sinto muita falta*.

Janis casou-se uma vez com um homem que conheceu dentro de uma comunidade terapêutica (CT). Única participante a descrever histórico de internações em instituições como estas, inclusive com relato de violações de direitos durante as passagens.

Importante salientar a perspectiva de cuidado com ênfase na política de Redução de Danos¹¹ estabelecida nos CERSAM AD, em contraponto às internações em comunidades terapêuticas. Segundo Ana Quintas e Priscilla Tavares (2020), entre o final do século XX e início do século XXI, a possibilidade de cuidado a ser ofertado através da política para usuários de álcool e outras drogas, reconhecia apenas estratégias de abstinência e isolamento social a partir da institucionalização. O uso de SPA até então compreendido e atrelado à criminalização e vadiagem, discurso até hoje sustentado pelo senso comum, contribuiu para tais ideias de cuidado.

Historicamente, as CT foram instituições consolidadas por Maxwell Jones, por volta dos anos 1950/60. Estas tinham como direção a reformulação dos hospitais psiquiátricos por meio da horizontalização dos papéis dos profissionais e dos internos, com intensa participação destes nas decisões institucionais e sobre seu tratamento (QUINTAS; TAVARES, 2020 p. 201).

¹¹- Embora o Ministério da Saúde (MS) tenha feito opção pelo modelo de atenção orientado pela redução de danos, conforme definido na política do MS para Atenção Integral a Usuários de Drogas, publicada no ano de 2003, a lógica de atenção centrada na abstinência de drogas permaneceu presente no âmbito das práticas de saúde e também da gestão das políticas. Tal lógica se fortaleceu a partir do ano de 2010, quando a atenção às pessoas usuárias de crack tornou-se o centro do debate das políticas sobre drogas (ANA MACHADO, CELINA MODENA, ZÉLIA LUZ, 2020, p. 2).

Em contraponto, as comunidades terapêuticas atuais, caracterizam-se por serem em sua grande maioria instituições privadas, atreladas à religiosidade enquanto imposição moralista, afastamento do convívio familiar e social, com ideias de exploração do trabalho - laborterapia -, além de ausência de convívio entre pares, tais imposições são retratadas pela participante da entrevista, ao descrever como foi uma de suas passagens:

... aí eu internei em várias clínicas e fazenda... aí a última minha foi, eu fiquei um ano e dois meses lá dentro. E recai depois... então hoje eu tenho pavor. Porque tinha umas assim que umas clínica ou fazenda que era não tinha tratamento, era só pelo dinheiro... Então tinha uma do 'Santo Daime' que a gente ficava drogada. Sabe? A gente não podia contar isso pra família. Então assim, não tinha tratamento.

Tem um filho adolescente fruto de uma segunda relação, diz que ela e o parceiro viveram juntos por algum tempo, mas segundo a mesma, em decorrência do uso de substâncias psicoativas, se separaram. Atualmente relata bom convívio com o pai de seu filho, porém já vivenciou momentos de tensionamentos, quando o filho pediu para ir morar com o pai e este por sua vez, ficou com a guarda da criança

... ele usava o filho pra me atingir... ... dói ne mim, que eu quero estar sempre com ele, queria que ele está sempre comigo perto, entendeu? Ano passado ele morou lá em casa comigo. Aí esse ano ele resolveu ir embora. Entendeu? Porque também eu tava passando muito mal. Acho que ficou, começou a ficar incomodando ele... o que me pega também além de do álcool e da droga, né? Que eu sinto falta, é o meu filho. Meu filho é tudo pra mim. Ele é minha vida.

Diz sem muito aprofundar que até iniciou outro relacionamento, mas o parceiro também era usuário de drogas e, mais uma vez, a partir de tal parceria retomou o circuito de viver em função do álcool e cocaína, por fim, refere não desejar relacionar-se novamente.

Sente-se culpada a todo momento! Se culpa pela escolha do filho em residir com o pai e por este fazer acompanhamento psicológico e psiquiátrico, pois em sua avaliação, a vivência do adolescente nas situações de crises diante do uso de drogas, o levou a necessitar de tal suporte. Culpa-se também por não ter conseguido dar continuidade aos estudos e *se formar como dentista*, desejo que traz consigo desde a infância, carrega culpa pela perda dos pais e pela ausência de trabalho... trabalho este que também perdeu após muitas faltas em função do uso intenso da droga.

A culpa imputada desde os primórdios às mulheres, acaba por direcioná-las ao ideal de que não são dignas da possibilidade de vivenciar percursos e circuitos distintos ao uso. Assim, talvez Janis permaneça estacionada ao arquétipo de Lilith, responsável por todas as mazelas, incapaz portanto de reivindicar autonomia sobre sua vida e, talvez, se reposicionar. A ausência de estudos acerca do reconhecimento do consumo de drogas por mulheres, em que enfatizem as particularidades enraizadas nas questões socioculturais, as quais determinam a

estas o comportamento esperado a partir de uma ótica machista, também as expõe a estigmas sociais, justamente por todos os papéis determinados aos gêneros masculino e feminino, que dá ao homem o lugar de privilégio em todos os âmbitos, em detrimento ao lugar da mulher, julgada como promíscua, amoral, portanto incapaz de cuidar da família e filhos (BOLZAN, 2015).

Assim, diante de tantas angústias e ausências de perspectivas, Janis encontra na privação do lazer e de muitos outros aspectos da vida, alternativa de minimizar o uso tão devastador para ela. Sobre a proposta de lazer como forma de aliviar esse contexto de privações a si mesma, refere que *lazer seria ter outra vida*. Descreve recortes acerca da importância do tratamento no CERSAM AD onde está há dois anos, *o que mais ajuda é desabafar*. Também fala da função do grupo de mulheres realizado no serviço e das atividades de lazer externas e internas, como mais um ponto de alívio e suporte. Inicialmente diz só realizar atividades de lazer a partir do CERSAM AD, mas após algumas ponderações consegue reconhecer que também faz pequenas saídas com o filho nos momentos em que estão juntos.

Os CERSAM AD são dispositivos que visam cuidado integral e longitudinal, contribuindo ainda para ampliação da autonomia e reinserção social (MACHADO, 2006). Porém, algo que foi possível apreender entre todas as participantes da pesquisa foi a construção de vínculo aos serviços, muitas vezes como única estratégia de reduzir o uso de drogas, de acesso à direitos básicos como alimentação, banho, cuidado clínico, lazer, cultura e circulação pela cidade. Ou seja, só o fazem dentro dos CERSAM AD ou a partir destes, limitando a perspectiva de produção de autonomia e reinserção social.

Janis, relatou ainda não se sentir acolhida nos espaços da cidade e que o maior estigma e preconceito com relação ao uso vem da própria família, *eles me chamam de noitada* e amplia tal visão para a forma como as mulheres que se drogam são vistas: *não temos credibilidade e respeito*. Assim, diz preferir *ficar quieta, não circular*, abrindo mão de uma vida que avalia *não ser possível de ser vivida sem a droga, porque as ofertas estão em todos os lugares e em todos os momentos*.

Como dito anteriormente, de todas as participantes, Janis foi a mulher que não conseguiu afastar o ponto do uso problemático de drogas, de todas as cenas e contextos de sua vida. Após a transcrição de sua entrevista, refleti sobre seu percurso de vida quanto às tentativas de morte, as automutilações, a descrença em um fazer diferente, uma vez que seu existir parece se dar apenas com e para a substância. No entanto, ao revelar que a partir da escuta ofertada na entrevista e também sobre como o grupo de mulheres do CERSAM AD

contribui para *se sentir aliviada* e, assim perceber e desabafar que tais movimentos a fazem repensar *que eu vejo que essa vida não é essa droga de vida, segue tentando... ora não se machucar, ora circular com o filho, estudar...*

Terceira seção

“Portanto essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas (...) entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta (EVARISTO, 2016, s.p.)”.

A terceira e última seção deste escrito busca descrever meu percurso enquanto mulher cisgênero, branca, pansexual, trabalhadora da rede de saúde mental do SUS em BH. Desde a minha formação busquei caminhos que me direcionassem à possíveis contribuições no campo da saúde mental e com pessoas que vivenciam situações de vulnerabilidade e violações de direitos.

Nascida em Belo Horizonte e criada em um município do interior há cerca de 60Km da capital, fiquei entre idas e vindas, do interior até a capital e vice-versa. Também sempre estive em processos de idas e vindas na vida, em caminhos que vejo hoje serem circulares sempre me remetendo a recomeços. Eu, uma mulher, filha de pai e mãe comerciantes com ensino médio incompleto, vivendo no interior, tive a ousadia de contrapor o *status quo* de padrões hegemônicos, em que filhas e filhos de pessoas sem tantos recursos educacionais, podem almejar ter um curso superior. Pois, minha teimosia, me levou a migrar para a capital mineira e enveredar no curso de Terapia Ocupacional, que sequer sabia bem o que era essa profissão, mas segui o que alguns chamam de intuição, que religiosamente, vem de uma mensagem de Deus, a princípio externo, eu prefiro dizer, confluência/transfluência que vem do ser, que segundo Nêgo Bispo (SANTOS, 2015, p.89):

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se junta se mistura, ou seja, nada é igual. [...] Transfluência é a lei que rege as transformações dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se junta.

Fui para cidade grande com minha característica interiorana, de um fazer cotidiano de cidade pequena e sem o saber acadêmico. Encontro o saber acadêmico, principalmente os conceitos elaborados pelas terapeutas ocupacionais americanas e

canadenses, que tem divergência com minhas vivências de cidade pequena. Em princípio, vivenciei como uma novidade ao me deparar com conceitos e modos de viver da capital e hoje vejo que, organicamente, busquei naturalmente “ajuntar” essas duas vivências, mas não me misturei. Tive a dimensão que era preciso distinguir os conceitos de ocupação e os fazeres cotidianos vividos por uma diversidade de pessoas, inclusive eu. Existem fazeres cotidianos distintos das ocupações descritas e adotadas como universais no campo da terapia ocupacional acadêmica. Outra coisa que aprendi, não de maneira teórica, mas vivencial, que em meu deslocamento para a cidade, me misturei com todos os elementos encontrados aqui e na academia, com a correria, aparentemente para obter coisas, com o estudo e as demandas do curso, conhecendo pessoas, frequentando bares, mas não me “ajuntei”, não abracei isso como uma verdade.

O interior não é apenas o território no sentido geograficamente constituído, ele é formado de modos de viver. Assim, nestes encontros e desencontros, também me senti por muitas vezes excluída dos modos de viver da cidade e da universidade - lugares ainda que se constroem de maneira hegemônica, principalmente para os homens, brancos, cisgêneros, heterossexuais, cristãos e urbanos, como dito anteriormente. A diversidade não é algo dado e acolhido, é um processo de luta que me encontro até hoje.

Como mulher, cisgenero e pansexual, ainda que branca, sofro algumas implicações, tanto em modos de vida interioranos quanto modos de vida da capital. No interior, era acolhida como mulher branca, filha dos meus pais, com relações construídas ao longo de uma vida, podendo dizer, relações mais sólidas, mas com menor capilaridade para ser pansexual. Assim, percebi que várias pessoas em modos de vida diversos não são acolhidos nas cidades, seja do interior ou da capital, mas que meu jeito mais ‘matuto’, observador e ao mesmo tempo afetivo e próximo do interior, me auxiliou a ver. Assim, pode ver e sentir em mim inquietudes a partir das propostas da terapia ocupacional sobre inclusão pelas ocupações humanas no campo do lazer, do trabalho e das atividades de vida diárias prescritivas como universais. Penso que não se trata de incluirmos pessoas distintas nas misturas das cidades, que a luta é pela diversidade de existências.

Os elementos de uma vida interiorana, como na letra de John Ulhoa: “quanto menor a casinha, mais sincero o bom dia” (PATO FU, 2005), estavam dentro de mim e da minha busca sincera em movimento do meu ser. Chego a capital e encontro as divergências do ser com a lógica do ter e nessa luta cotidiana, fui transformando algumas divergências em diversidades. O encontro com a Terapia Ocupacional e as divergências com as ideias advindas do norte do planeta que denominaram o que as pessoas fazem no seu dia a dia, de ocupação e as dividem

em três categorias: trabalho, lazer e atividades de vida diária, busquei confluir com a minha experiência interior e interiorana em que a vivência com elementos diversos humanos e não humanos como plantações e bichos, não eram assim categorizados, nem mencionados com a palavra ocupação. A solidez das relações afetivas do interior, mesmo que controladas por fofocas, contrapunham a liquidez afetiva da cidade, portanto, apenas por isso, essa tríade categórica não cabia em muitas vidas. Mas, como a ideia é confluir, pude adotar esses conceitos e ampliar a reflexão para outras possibilidades não categorizadas e não categorizáveis, principalmente quando me adentrei pelo campo da saúde mental.

Refletindo a minha trajetória, percebo que minha busca pelo campo da saúde mental, abriu caminhos para transformar essa divergência em diversidade, pois, o cotidiano de pessoas em sofrimento psíquico, as pessoas que socialmente denominam de “doidas”, cientificamente de psicóticos, esquizofrênicos, paranóicos etc. não são categorizáveis, portanto, não é possível pensar em projetos terapêuticos delimitados em lazer, trabalho e atividades de vida diária. As vivências dessas pessoas traziam elementos conflitantes com a realidade cotidiana imposta por uma visão de mundo eurocentrada, em que nos aponta dentre as três categorias, sendo a categoria trabalho como um valor que enobrece o homem. O trabalho eurocentrado é verticalizado, hierarquizado, competitivo, é um castigo para os subalternos, dentro destes, as pessoas em sofrimento psíquico, e dentre esses a mulher. Essas pessoas que encontrei no campo do meu trabalho como terapeuta ocupacional, muitas delas nunca trabalharam no sentido supracitado ou, se trabalharam não se adaptaram. São pessoas com movimentos distintos e que não se *ajuntam* em modos de vida neste campo do trabalho, são excluídas dos lazeres e das atividades de vida diária eurocêtricas.

Quando me deparo no campo da saúde mental, com mulheres usuárias de álcool e outras drogas, denoto que essas mesmo não sendo doidas, psicóticas, esquizofrênicas etc. também não eram incluídas na cidade e nas categorias propostas de ocupações. Na maioria como já supracitado em outra sessão, sentiam e sentem que são culpadas por não serem incluídas. Ao mesmo tempo, eu com minhas vivências pessoas do interior à capital, não via como incluí-las de maneira a moldá-las as normativas das ocupações e da cidade. Levarem elas a estar na cidade e transitar por vários espaços, agudizou os processos não acolhedores das cidades, que distinguem pessoas por gênero, cor, pobreza, uso de álcool e outras drogas, por deficiências, por problemas de saúde mental

entre outros. Foi dessas experiências pessoais e profissionais que me levaram a esse desejo de conhecer e compreender esses processos vivenciados de não pertencimento à cidade por mulheres usuárias de álcool e outras drogas. Como visto nas outras seções, o direito à cidade,

a família, as atividades de vida diária, lazer, cultura e trabalho não são garantidos. A história de vida de tais mulheres não são acolhidas, inclusive os modos de vida, o ser de cada uma. São tidas como forasteiras, não pertencentes a nenhum grupo, nem mesmo familiar, incluindo o trabalho.

Assim, com minhas vivências, me deparo com o conceito de biointeração e que me aponta o sentido inverso desse valor aplicado ao trabalho. Como nos diz Nêgo Bispo (SANTOS, 2015, p. 113), a Biointeração é "guardar o peixe nas águas, onde eles continuam crescendo e se reproduzindo", é viver, conviver e aprender com a mata, com o chão, com as águas, com o vento, com a lua, com o sol, com as pessoas, com os animais. É transformar o trabalho em vida, arte e poesia. É transformar as divergências em diversidades. É retirar as notas pesadas do castigo do trabalho para fazer fluir, confluir a interação, a biointeração.

Pensando em uma perspectiva de cuidado e atenção às mulheres que se drogam em consonância com os referenciais da decolonização e da biointeração, optei por ouvir, acolher e escrever sobre elas refletindo também sobre meu lugar hoje. Sendo uma mulher de pele branca e que, por tanto recolhe os privilégios deste lugar e também enquanto trabalhadora da política pública de BH, sinto que, há quinze anos atrás, quando o universo confluiu para me trazer até aqui, este seria um dos produtos que almejei produzir. Dessa trajetória, aprendi no real que a questão do uso de drogas nem de longe é o que mais aflige tais mulheres. Sim, havia um ideal de que talvez os outros atravessamentos não fossem tão representativos, mas vivendo em uma sociedade moldada pela visão eurocristã monoteísta (SANTOS, 2015), os estigmas, o lugar imputado às mulheres de cumprir o papel de Maria a virgem, servindo, abdicando de seus desejos em função da família, do trabalho, das expectativas de terceiros. Nesse sentido, o uso de drogas então toma parte, e, por muitas vezes, o todo da ausência vivida pelas mulheres. Ausências de direitos básicos, de escuta, de valorização do seu lugar enquanto sujeito e não objeto do gozo do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que às mulheres usuárias de álcool e outras drogas, é imputada à responsabilidade por todo o comportamento preconceituoso e estereotipado sobre seu uso. Uso este, que também vem da ruptura dos padrões, como saídas possíveis ao enfrentamento de toda violência, história de abandonos e tantas outras negligências, como forma de uma luta contra o patriarcado e a imposição da mulher como a figura da virgem, da casta, da pura.

Para algumas camadas sociais há a impressão de que se deve escolher apenas um direito, mesmo sabendo que devemos ter acesso a todos. À elas foram negados muitos direitos, inclusive aqueles mais básicos às necessidades e dignidade humana. Há uma visão social da hierarquização desses direitos e dessa forma, o acesso à cidade, ao lazer e à cultura não estão dentre os prioritários, ou mesmo substanciais.

Diante disso, constatou-se que nem mesmo a cena do uso de drogas é acesso à cidade para tais mulheres, pois elas não pertencem a nenhum lugar, em especial às mulheres negras, e todo este apagamento, vem de uma estrutura social, que produz e reproduz exclusões. Há, especialmente entre as mulheres negras, uma ausência de ancestralidade capaz de lhes conferir sobre o que é cuidado. Assim, elas se auto rejeitam, não conseguem vislumbrar saídas que possam retirá-las do contexto de violências, violações e, portanto, de uso problemático das drogas.

Nesse sentido, os CERSAM AD, que oferecem o mínimo, pela possibilidade inclusive do próprio serviço que é destinado ao acolhimento e cuidado nos momentos de crise, passa a ser o único lugar de acesso a elas. E, mesmo estes, não dão conta de ofertar lazer e cultura para além do momento restrito ao tratamento. Isto posto, percebe-se então a importância de acolher, ouvir e apreender a importância da escuta dessas mulheres, bem como a impotência de, para além do recorte de gênero, discorrer sobre a interseccionalidade.

5. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A escrita a partir do lugar do poético, vem como forma de decolonizar a proposta academicista de apenas classificar e ponderar a vivência dessas mulheres a partir do lugar reducionista de pessoas que se drogam. Seria possível conceituar essas mulheres apenas a partir de referenciais teóricos quanto ao uso de álcool e outras drogas, porém, opto por fazer uma escrita poética, a partir das ‘palavras germinantes’ uma vez que conceituá-las apenas a partir da ótica eurocentrada embasada na teoria, não seria capaz de traduzir o quão profunda tais vivências são e representam.

As palavras só germinam e produzem sentido a partir do momento em que começamos a desconstruir o lugar de saber colonialista que percebe as existências das mulheres somente pelo uso ou por todas as limitações que a estas são impostas em decorrência não apenas das drogas, mas de um sistema patriarcal e machista que impõe que o lugar das mulheres só é possível, se ocupado pela visão de cuidadora, responsável pela família, pelo lar, como dito, exercendo o papel de Maria a virgem em detrimento ao enfrentamento colocado por Lilith, que reivindica e questiona seu lugar, bem como a autonomia por seu corpo e desejos.

As palavras vibram! Nos corpos, nas expressões e nas mentes. Tal vibração das palavras conhecimentos nos ajudam a pensar e/ou encontrar caminhos, resolver questões e questionamentos, por isso a proposta em apreender histórias e percursos sobre a circulação das mulheres que se drogam.

A oralidade é também a linguagem da memória, do afeto, por tanto, quem tem memória não precisa de escritura (linguagem sociológica). Assim, o que pretendi ao trazer a história dessas sete mulheres e também a minha, foi não só conceituar, mas produzir memória delas, para elas e com elas.

Importante refletir acerca da proposta trazida na política pública sobre o viés da produção de autonomia, resgate de vínculos e ampliação de acesso e garantia de direitos. As mulheres usuárias de álcool e outras drogas não acessam à cidade e seus dispositivos de lazer e cultura na cidade de forma autônoma. Tal circulação está limitada apenas ao cuidado no serviço de referência, quando estes ofertam. Ainda é incipiente o que está sendo ofertado. Os CERSAM AD também não se configuram em um lugar, visto que elas demonstraram que os serviços não são suficientes para ouvi-las ou mesmo como possibilidade de, verdadeiramente, ampliar seus espaços de circulação. É, portanto, como um ciclo: os CERSAM AD não conseguem abarcar todas as demandas, e nem deveriam. Mas, ainda assim, estes são os únicos espaços que contemplam alguma das muitas demandas e faltas de direitos vivenciados.

Portanto, o percurso trazido a partir dos relatos das histórias de vida dessas sete mulheres, retrata que o uso da droga não foi e não será em si mesmo. Existem marcas subjetivas e contextos históricos, na sua maioria negligenciados, que direcionam ao uso problemático e mais, a ausência de direitos básicos que necessitam ser discutidos anteriormente, a fim de que tais mulheres sejam livres, respeitadas e reconhecidas em suas subjetividades ao circular entre os mais diversos espaços da cidade. Um percurso para alcançar tais objetivos está na produção de estudos, pesquisas e discussões acerca da temática, como forma de garantia de direitos e criação de políticas públicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda de Araújo. Mulheres e uso problemático de álcool e outras drogas: desmontando estigmas e colhendo sonhos. **Direito à cidade: uma outra visão de gênero**. São Paulo. v.2, [?], p. 56-69, 2017. Disponível em: http://wp.ibdu.org.br/wp-content/uploads/2019/04/DIREITO-%C3%80-CIDADE_OUTRA-VIS%C3%83O-GENERO.pdf. Acesso em: 21 de mai. 2021.

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: **SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL, 4.; ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA**, 3., 2016, Ituiutaba. Anais [...]. Ituiutaba: UFU, 2016. Ituiutaba: UFU, 2016. Disponível em: <http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2022.

BERNARDY, Catia Campaner Ferrari; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix. O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. **Esc. Enf. USP**, São Paulo, v.44, p. 11-17, 2010. Disponível em: <https://click.endnote.com/viewer?doi=10.1590%2Fs008062342010000100002&token=WzMwOTM4MjMsIjEwLjE1OTAvzAwODAtNjIzNDIOTAvzAwODAtNjIzNDI.4rT wDYF02hqhiePV7eMODnDST1g>. Acesso em: 31 mar. 2023.

BOLZAN, Liana de Menezes. **Onde estão as mulheres? A homogeneização da atenção à saúde da mulher que faz uso de drogas**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, PUCRS. Porto Alegre, 160, 2015.

BORGES, Silier Andrade Cardoso. Territórios existenciais ético-estéticos em saúde coletiva. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 107-113, maio-ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5056/4906> . Acesso em 11 out 2022.

BRASIL. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direto à cidade”. **Revista Direito e Práxis**, v. 11, n. 1, p. 349–369, jan. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/3cBsV3Vx7Yvw9SqvqcqVrbc/?lang=pt#> . Acesso em: 12 fev 2022.

CASIMIRO, Lígia Maria Silva Melo de. As mulheres e o direito à cidade: um grande desafio no século XXI. **Direito à Cidade: uma visão por gênero**. Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico. 2017.

CERQUEIRA, Jéssica Tavares, MARQUES, Helena Duarte; ZINET, Lucas Campos. **Direito à cidade e grupos oprimidos: de quem são as ruas?** Combate Racismo Ambiental. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2017/12/06/direito-a-cidade-e-grupos-oprimidos-de-que-m-sao-as-ruas/> Acesso em: 20 dez 2022.

COELHO, Luana Xavier Pinto; CUNHA, Isabella Madruga da. Direito à cidade contra o desenvolvimento. **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, V.11, N.01, 2020, p.535-561. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/48472/32642> Acesso em: 9 dez 2022.

CRUZ, Rafael Cordeiro da. **Territorialidade autônoma, utopia e geografia decolonial para o direito à cidade: um ensaio sobre o carnaval de rua no Rio de Janeiro**. 2017. 148f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Agronomia/Instituto Multidisciplinar. Seropédica, RJ, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. Ed. Belo Horizonte: Idea, 2018.

FARIA, Maria Wilma S. de; MACHADO, Ana Regina. **As saídas do tratamento nos CAPS Ad**. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. [s.p.]. Disponível em: <https://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/as-saidas-do-tratamento-nos-caps-ad> Acesso em: 20 de dez 2022.

FEJES, Monica Araujo Nagy; FERIGATO, Sabrina Helena; MARCOLINO, Taís Quevedo. Saúde e cotidiano das mulheres em uso abusivo de álcool e outras drogas: uma questão para a Terapia Ocupacional. **Rev. Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 254-262, set./dez., 2016. Disponível em: <https://click.endnote.com/viewer?doi=10.11606/issn.2238-6149.v27i3p254262&route=6>. Acesso em: 28 fev. 2021.

FRANCO, Kaio José Silva Maluf; CARMO, Aline Cristine Ferreira Braga do; MEDEIROS, Joseane Lopes. Pesquisa qualitativa em educação: breves considerações acerca da metodologia materialismo histórico e dialético. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais** – UEG/UnU Iporá, v.2, n. 2, p.91-103 – jul/dez 2013. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/2714> Acesso em: 14 jan 2022.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Filos. Aurora**, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 435-454, mai./ago., 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27991/25100>. Acesso em: 11 jan. 2023.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo**. Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACEDO, Fernanda dos Santos; ROSO, Adriane; LARA, Michele Pivetta. Mulheres, saúde e uso de crack: a reprodução do novo racismo na/pela mídia televisiva. **Saúde e Sociedade**, Santa Maria, v. 24, n. 4, p. 1285-1298, jan. 2015. Disponível em: <https://click.endnote.com/viewer?doi=10.1590%2Fs010412902015138833&token=Wz>

MwOTM4MjMsIjEwLjE1OTAvczAxMDQtMTI5MDIwMTUxMzg4MzMiXQ.6o_i43o mvaSrw1jZWJIE0KoL8ZE. Acesso em: 28 fev. 2021.

MACHADO, Ana Regina. **USO PREJUDICIAL E DEPENDÊNCIA DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA AGENDA DA SAÚDE PÚBLICA: Um estudo sobre o processo de constituição da política de saúde do Brasil para usuários de álcool e outras drogas.** 2006. 152f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MACHADO, Ana Regina; MODENA, Celina Marina; LUZ, Zélia Maria Profeta. O que pessoas que usam drogas buscam em serviços de saúde? Compreensões para além da abstinência. **Interface**, Botucatu, p. 1-15, 2020.

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de. Estado Plurinacional e Direito Internacional. Editora Juruá: Curitiba, 2012. MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; WEIL, Henrique. Bioética no Estado de Direito Plurinacional. **Revista Direitos Culturais**, n. 8, v. 5, 2010.

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de.; BRITO, Cristiane Miryam Drumond. **Diversidade Ocupacional como processo de decolonização cotidiana.** In VAN PETTEN, AMVN; CARDOSO, A. A. R. (Org.) ; BRITO, C. D. (Org.) . Estudos da Ocupação: desafios e possibilidades. 1ª. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. v. 1. 184p.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 35, p. 191-203, 1992. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1992.111360. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MARANGONI, Sônia Regina; OLIVEIRA, Maria Lúcia Felix. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. **Texto Contexto Enf**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 662-670, jul./set., 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/xSnGHzBztw9G6ZhtLdRdmJD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.

MEDEIROS, Katrucky Tenório; MACIEL, Silvana Carneiro; SOUSA, Patrícia Fonseca. A mulher no contexto das drogas: representações sociais de usuárias em tratamento. **Paidéia**, João Pessoa, v. 27, p. 439-447, 2017. Disponível em: <https://click.endnote.com/viewer?doi=10.1590%2F1982-432727s1201709&token=WzMwOTM4MjMsIjEwLjE1OTAvMTk4Mi00MzI3MjdzMTIwMTcwOSJd.AID1M-9qsZS5ttmihWGPiaDUY4E> . Acesso em: 29 nov. 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Loyola. 2002. 246p. MINAYO, M. C. DE S.. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, mar. 2012.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Por trás do monograma do movimentos LGBTQIAPN+: vidas, representatividade e esclarecimentos. **Temporis(ação)**, Goiás, v. 22, nº2, p. 01-20, jul./dez., 2022. Disponível em: [https://revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/download/13262/9403#:~:text=Se%20a%20sigla%20LGBTQIAPN%2B%20marca,passou%20por%20transi%C3%A7%C3%A3o%20de%20g%C3%AAnero\).](https://revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/download/13262/9403#:~:text=Se%20a%20sigla%20LGBTQIAPN%2B%20marca,passou%20por%20transi%C3%A7%C3%A3o%20de%20g%C3%AAnero).) Acesso em: 10 jan. 2023.

NEVES, João Francisco. **Psicanálise de família e casal: ensaios**. Belo Horizonte: Artesã, 2016.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 12, n. 2, p. 466-485, mai./ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-89082017000200016. Acesso em: 11 jan. 2023.

PARENTE, Janderson Soares et al. Álcool, drogas e violência: implicações para a saúde de minorias sexuais. **Sociedade Brasileira de Reprodução Humana**, Santo André, v. 30, n. 3, p. 108–114, 2015. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1413208715000606?token=1ACBE731CE04B7328D768D246635BE9E34C0E35CC59A46B69168AD52BEA1C384AAA136F5D157E408D9375CD286032092&originRegion=us-east-1&originCreation=20230513155115>. Acesso em: 28 fev. 2022.

PATO FU. **Simplicidade**. Belo Horizonte: Estúdio 129 Japs: 2005. (3:24)

PINHEIRO, Valéria. O peso da vida urbana sobre os ombros das mulheres e a dimensão dos despejos forçados. **Direito à cidade: uma visão por gênero**. São Paulo. v.1, [?], p. 7-11, 2017.

PINTO, Giselle. Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais. **ABEP**, Caxambú, p. 1-16, set. 2006. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1486/1451> Acesso em: 11 jan. 2023.

PINTO, Juliana de Fátima; PAULA, Ana Paula Paes de. Contribuições da epistemologia qualitativa de González Rey para estudos transdisciplinares. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100209&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 de abr. 2021.

QUINTAS, Ana Caroline de Moraes Oliveira; TAVARES, Priscilla dos Santos Peixoto Borelli. Entre Caps AD e Comunidades Terapêuticas: o cuidado pela perspectiva dos usuários de um Caps AD. **Saúde e Debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 198 - 209, out. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/PmFFH7ShrGpr7h8R5h93x9P/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2023.

RODRIGUES, Carla; GRUMAN, Paula. Do abjeto ao não-enlutável: o problema da inteligibilidade na filosofia de Butler. **Anuário Antropológico [Online]**, v.46, n.3, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/8933>. Acesso em: 11 jun 2023.

SADER, A. P. C.; GOMES, M. F.; NICOLETE, J. N. As mulheres e o Direito à Cidade: Gênero e Espaço Público na cidade Contemporânea. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 20, p. 99–110, 2019. DOI: 10.36311/2236-5192.2019.v20esp.08.p99. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/9375>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. **Palavras Germinantes**. São Paulo: Centro de Estudos Ameríndios USP, 2023. 1 vídeo (2h07min.27seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ITVgWE1Nd4M&t=1277s>. Acesso em: 23 mai. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Sérgio Ribeiro dos; NÓBREGA, Maria Miriam Lima da. A grounded theory como alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 55, n. 5, p. 575-579, set./out. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/r96qwDjyDFhZq75RwttcJZG/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 14 jan 2022.

SILVA, Rosimeire Aparecida. **Reforma psiquiátrica e redução de danos: um encontro intempestivo e decidido na construção política da clínica para sujeitos que se drogam**. 2015, 199f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina, Belo Horizonte, 2015.

SOUZA, Márcia Rebeca Rocha de; OLIVEIRA, Jeane Freitas de; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. A saúde das mulheres e o fenômeno das drogas em revistas Brasileiras. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v. 23, nº 1, p. 92-100, jan. /mar. 2014.

TIBÚRCIO, Maria Acácia. **A importância do ambiente construído na área da saúde mental: Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM)/Leste de Belo Horizonte/MG**. 2013, 138f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

VIANA, Iara Félix. **Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 217. 2013.

XAVIER, Daniela de Barros et al. **As implicações do racismo na saúde mental da mulher negra**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Multivix. São Mateus, 21, 2019.

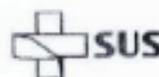
WEKEMA, Polianna Braga Lima. **O direito à cidade no plano internacional: Objetivos da Agenda 2030 da ONU - Cidades e Comunidades sustentáveis**. Orientador: Prof. Doutor José Luiz Quadros de Magalhães. 2020. 141f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de PósGraduação em Direito, Belo Horizonte, 2020.

ANEXOS

1. Termo de Anuência Institucional - Prefeitura de Belo Horizonte



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**



TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Declaramos conhecer o projeto de pesquisa **O TERRITÓRIO SOB OUTRA CENA: o direito ao acesso e circulação pela cidade das mulheres em acompanhamento nos Centros de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas (CERSAM AD) de Belo Horizonte**, sob a responsabilidade da pesquisadora Paula Lúcia de Moura Pinto, CPF 102.360.976-28, cujo objetivo é compreender como se dá a circulação das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas em acompanhamento na RAPS de Belo Horizonte nos espaços da cidade, principalmente em relação a espaços de lazer e cultura. **Objetivos Específicos:** Conhecer os espaços de circulação das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas na cidade de Belo Horizonte; Analisar a percepção das mulheres sobre seus espaços de circulação, principalmente os associados ao lazer e cultura; Compreender a circulação e pertencimento ao território e a cidade por essas mulheres; Verificar se o Cersam AD é capaz de ampliar o espaço de circulação dessas mulheres; Refletir quais redes sociais contribuem para o acesso à cidade, circulação, cultura e lazer das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas e autorizamos que este estudo seja executado nas Unidades da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte – SMSA-BH.

Esta autorização foi subsidiada por uma apreciação institucional das gerências responsáveis pela temática da pesquisa e está condicionada ao cumprimento pelos (a/o) pesquisadores (a/o) dos requisitos das Resoluções 466/12, 510/16 e suas complementares.

A SMSA-BH deverá constar como coparticipante da pesquisa.

Solicitamos que, ao término da pesquisa, a data da apresentação do trabalho seja informada à Assessoria de Educação em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, assim como a referência do mesmo, em caso de publicação.

A utilização dos dados pessoais dos sujeitos da pesquisa se dará exclusivamente para os fins científicos propostos, mantendo o sigilo e garantindo a utilização das informações sem prejuízo das pessoas, grupos e ou comunidades.

O início do estudo dependerá de sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da SMSA.

Este Termo de Anuência terá validade de 24 (vinte e quatro) meses, a partir de sua assinatura.

Fernando de Siqueira Ribeiro
Gerência de Rede de Saúde Mental
Secretaria Municipal de Saúde/SMSA

Belo Horizonte, 05 de agosto de 2021

Cláudia Fidelis Barcaro
Assessoria de Educação em Saúde
Secretaria Municipal de Saúde/SMSA

2. Parecer de aprovação da pesquisa pela COEP/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O TERRITÓRIO SOB OUTRA CENA: o direito ao acesso e circulação pela cidade das mulheres em acompanhamento nos Centros de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas (CERSAM AD) de Belo Horizonte.

Pesquisador: Cristiane Miryam Drumond de Brito

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 51487221.9.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.240.466

Apresentação do Projeto:

Descrição:

Trata-se da terceira versão de um estudo de mestrado sobre mulheres em situação de vulnerabilidade social e em uso problemático de álcool e outras drogas, notadamente, numa abordagem ao direito dessas pessoas à cidade e seus recursos: justiça, assistência e principalmente, cultura e lazer.

Baseando-se em Lefebvre, a pesquisadora afirma que a urbanização reproduz um desenvolvimento geograficamente desigual e é uma metáfora da espacialização do capitalismo, em que a cultura dominante gera violência, machismo, individualismo, racismo, sexismo entre outros.

Nesta versão, há carta explicativa com itens detalhados sobre as alterações realizadas de modo a atingir a conformidade da proposta com as exigências da COEP, principalmente aquelas apontadas no Parecer 5122181. Os documentos do processo foram reexaminados e conferidos com a descrição na carta resposta sobre os ajustes feitos.

Metodologia:

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 4 2º Andar 4 Sala 2005 4 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.240.488

Sem alterações em relação à versão anterior.

A pesquisa é qualitativa de abordagem descritiva-exploratória.

A produção dos dados será pelo método da História Oral. Buscará dar voz às pessoas excluídas da história oficial e inseri-las dentro dela. Escutar o que as pessoas falam, o sentido das falas e o processo complexo historicamente construído em que a fala está inserida. A partir das narrativas de história de vida, serão caracterizadas e verificadas as redes sociais que contribuem para o acesso à cidade, cultura e lazer. Serão conhecidos os espaços de circulação do público supracitado, e analisadas as percepções sobre tais espaços. Além disso, será verificado se os Cersam AD são capazes de ampliar o acesso aos dispositivos de lazer e cultura em Belo Horizonte. Contextualizando os processos políticos, históricos, sociais e culturais, serão apontados avanços e dificuldades, bem como, no cenário das políticas públicas, serão compreendidas e problematizadas as estratégias elaboradas para essas mulheres, na garantia do direito de circulação e pertencimento ao território e a cidade.

Como critério de inclusão, a pesquisadora pretende investigar mulheres com idade a partir dos 18 anos completos, sem distinção quanto à orientação sexual e identidade de gênero, em uso problemático de álcool e outras drogas e que se encontram em acompanhamento nos Cersam AD do município de Belo Horizonte na modalidade de acompanhamento Permanência Dia (PD). Não serão incluídas como participantes, as gerências dos Cersam AD, as mulheres em atendimento ambulatorial nos Cersam AD; mulheres em hospitalidade noturna; e mulheres que chegarem para acolhimento em urgência no dia.

Em Belo Horizonte há cinco Cersam AD nas seguintes regionais:

Venda Nova, Nordeste, Pampulha/Noroeste, Centro Sul e Barreiro.

Todos serão contatados via gerências através de telefonema prévio onde a pesquisadora explicará o tema da pesquisa, público alvo e método de coleta de dados, bem como pelo e-mail institucional com carta convite para aceite e participação. Após aceite por parte das gerências, será agendada uma visita aos respectivos serviços já com foco em conversar com possíveis participantes da pesquisa. Serão reunidas mulheres que estão em permanência dia nos serviços, para explicação da pesquisa e levantamento das participantes que por ventura aceitarem participar. Serão respeitadas

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 - 2º Andar - Sala 2005 - Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 5.240.488

as regras e limites das instituições e cuidado ao nos colocarmos no ambiente dessas mulheres, realizando aproximação gradativa, deixando as gravações e filmagens para o momento em que a presença da pesquisadora se fizer mais confortável para as mesmas. Aparentemente, a pesquisadora considera a participação de pelo menos uma pessoa de cada Cersam AD, totalizando uma amostragem de cinco pessoas.

Metodologia de Análise de Dados:

Sem alterações em relação à versão anterior.

Para análise dos dados, serão utilizadas as gravações e transcrições das histórias orais coletadas e será priorizada a Análise do Discurso como técnica para interpretação de dados. Esta etapa se inicia com as transcrições das entrevistas e conferência de cada fala, a fidelidade do conteúdo será bem cuidadosa. A transcrição considerará os silêncios, suspiros, choros, quaisquer emoções. Após a transcrição iremos codificar as entrevistas em categorias. O processo de codificação de histórias orais deverá seguir por etapas, de iniciar por uma ampla identificação e articulação dos dados, denominada codificação aberta, na qual será analisado o potencial do material empírico com o conhecimento do pesquisador sobre o contexto. Assim, serão extraídos elementos conceituais que serão agrupados. Após esta etapa, será realizada uma nova articulação com reordenamento dos dados com base no referencial teórico da pesquisa, os autores supracitados denominam de codificação axial. Os dados produzidos serão transformados em categorias e subcategorias para ser criada uma lógica de análise. As trajetórias serão analisadas como um todo, reconstruindo a história sociocultural das mulheres articuladas com o tempo, espaço, valores e significados das vivências e associadas à reflexão do direito à cidade.

Objetivo da Pesquisa:

Sem alterações em relação à versão anterior.

Objetivo Primário: Compreender como se dá a circulação das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas em acompanhamento na RAPS de Belo Horizonte nos espaços da cidade, principalmente em relação a espaços de lazer e cultura.

Objetivo Secundário:

1. Conhecer os espaços de circulação das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas na cidade de Belo Horizonte;
2. Analisar a percepção das mulheres sobre seus espaços de circulação, principalmente os

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 - 2º Andar - Sala 2005 - Campus Pampulha
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.240.466

associados ao lazer e cultura;

3. Compreender a circulação e pertencimento ao território e a cidade por essas mulheres;
4. Verificar se o Cersam AD é capaz de ampliar o espaço de circulação dessas mulheres;
5. Refletir quais redes sociais contribuem para o acesso à cidade, circulação, cultura e lazer das mulheres em uso problemático de álcool e outras drogas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sem alterações em relação à versão anterior.

Os possíveis riscos decorrentes da participação nessa etapa da pesquisa podem ser desconfortos emocionais ou físicos, pois as participantes irão falar de suas experiências de vida. Caso alguma participante relate qualquer desconforto ou se a pesquisadora observar o surgimento desse tipo de situação, a coleta de dados será interrompida, a participante será convidada a dizer do seu desconforto e a indicar se prefere deixar de participar da pesquisa ou se quer continuar podendo optar por finalizar a coleta de dados em outro momento.

Dentre os benefícios da pesquisa, almeja-se analisar os usos da cidade e seus dispositivos de lazer e cultura como recursos de redução de danos, resignificação dos espaços da cidade e fortalecimento das políticas públicas em saúde e assistência social.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Em geral, o projeto se apresenta bem estruturado, em que as informações sobre cuidados e procedimentos estão claramente definidos para o contato com as pessoas cujo ponto de vista é objeto do estudo.

O trabalho será submetido ao Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte / SMSA-BH, indicada como instituição co-participante.

A pesquisa tem previsão de início em 17/janeiro/22, com o contato para a gerência do CERSAM- cerca de três dias após a submissão do projeto à COEP. A coleta de dados está estabelecida para ocorrer entre 01/fevereiro/22 e 08/fevereiro/22.

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 - 2º Andar - Sala 2005 - Campus Pampulha
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.240.466

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Há o parecer do exame de qualificação no Curso de Mestrado em Estudos da Ocupação na EEFFTO-UFMG, assinado em 07/julho/21 pela Prof. Ana Regina Machado, em que a parecerista emite aprovação e sugere que as pesquisadoras evitem priorizar o acesso ao lazer e à cultura na investigação e que avaliem o modo como os Centros de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas compõem o projeto. O parecer consubstanciado foi elaborado pelo Prof. Dr. Alessandro R. P. Tomasi, do Departamento de Terapia Ocupacional da EEFFTO – UFMG, o qual reconhece a relevância do tema e defende sua aprovação. O parecer foi aprovado pelo departamento em reunião ordinária, com assinatura pela Sub-chefe Prof. Marina de Brito Brandão, em 21/junho/21.

Consta do processo, o termo de anuência da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de BH, assinado por representantes institucionais em 05/agosto/21.

O projeto completo tem como anexos o formulário socio-demográfico e o roteiro de questões a serem abordadas nas entrevistas. O cronograma de atividades apresentado como parte integrante do projeto completo tem as datas do formulário de informações básicas correspondendo ao cronograma do projeto completo.

O TCLE desta versão tem formato de carta convite. No texto, há informação de que será realizada uma entrevista com questões referentes aos dados pessoais, bem como a história de vida da provável participante, a partir de perguntas disparadoras. Há indicação de duração e local onde a entrevista será realizada. Após revisão, há referência sobre cuidados de prevenção ao contágio pela Covid-19.

O TCLE contém informações claras em linguagem simples e direta. Informa sobre aspectos de participação voluntária, sem recompensas ou ônus às respondentes, com a devida cobertura de eventuais danos ou prejuízos. Informa sobre riscos, e as medidas a serem adotadas para mitigação.

O formato atualizado do TCLE apresenta a Prof. Cristiane como pesquisadora principal, e a pesquisadora auxiliar. As informações sobre telefone, endereço e email estão juntas no campo de identificação ao final do documento. As informações da COEP para contato pela participante estão

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 4 2º Andar 4 Sala 2005 4 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.240.466

completas no campo de identificação.

Recomendações:

Efetuar ajustes no cronograma de atividades em face aos prazos de aprovação pela COEP.

A estimativa de início da coleta de dados deverá ser ajustada para que o contato com prováveis participantes do projeto tenha início somente após a data de aprovação do projeto pela COEP. Isso deverá constar de emendas ou do relatório final da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Observar recomendações e efetuar as alterações prescritas de modo que possam ser aplicadas durante a pesquisa e apresentadas por ocasião de emendas ou de relatório final, após a conclusão do processo.

Salvamos melhor juízo, é deste entendimento que o processo seja considerado aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1816104.pdf	14/01/2022 09:10:36		Aceito
Outros	Pedidodeesclarecimento.pdf	14/01/2022 09:09:47	Cristiane Miryam Drumond de Brito	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMODIFICADO2.docx	01/12/2021 09:39:03	PAULA LUCIA DE MOURA PINTO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMAMODIFICADO.docx	01/12/2021	PAULA LUCIA DE	Aceito

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 - 2º Andar - Sala 2005 - Campus Pampulha
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.240.466

Cronograma	CRONOGRAMAMODIFICADO.docx	09:37:31	MOURA PINTO	Aceito
Outros	CARTARESPOSTA2.docx	01/12/2021 09:36:31	PAULA LUCIA DE MOURA PINTO	Aceito
Outros	CARTARESPOSTA.docx	07/11/2021 18:58:12	PAULA LUCIA DE MOURA PINTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOMODIFICADO.docx	07/11/2021 18:49:26	PAULA LUCIA DE MOURA PINTO	Aceito
Folha de Rosto	CristianefolhaDeRostoassinada.pdf	31/08/2021 19:18:28	Cristiane Miryam Drumond de Brito	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	30/08/2021 15:32:13	Cristiane Miryam Drumond de Brito	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	30/08/2021 15:13:50	Cristiane Miryam Drumond de Brito	Aceito
Parecer Anterior	PARECERJOSELUIZQUADROS.jpeg	30/08/2021 15:11:27	Cristiane Miryam Drumond de Brito	Aceito
Parecer Anterior	PARECERAnaReginaMachado.pdf	30/08/2021 15:09:43	Cristiane Miryam Drumond de Brito	Aceito
Parecer Anterior	PARECERUFMG.pdf	30/08/2021 15:07:43	Cristiane Miryam Drumond de Brito	Aceito
Declaração de concordância	PREFEITURA.pdf	30/08/2021 15:01:59	Cristiane Miryam Drumond de Brito	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 13 de Fevereiro de 2022

Assinado por:
Críssia Carem Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em
Entrevista Individual

Título do Projeto: O território sob outra cena: o direito ao acesso e
circulação pela cidade das mulheres em acompanhamento nos Centros de
Referência em Saúde Mental, Álcool e outras Drogas de Belo Horizonte.

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa cujo objetivo é compreender o direito ao acesso e circulação pela cidade e seus dispositivos de lazer e cultura em Belo Horizonte. Esta pesquisa está sendo realizada como atividade pelo Curso de Mestrado em Estudos da Ocupação do Departamento de Pós-graduação em Estudos da Ocupação da UFMG. Se você aceitar participar da pesquisa, será realizada uma entrevista com questões referentes aos seus dados pessoais, bem como sua história de vida, a partir de perguntas disparadoras. Será realizado agendamento prévio que constará entre 2 a 3 dias, de acordo com sua disponibilidade. O tempo previsto para a realização dessa entrevista é de 1 hora, e poderá ser realizada no Centro de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas (Cersam AD) de sua referência de acompanhamento, ou em outro espaço que seja de mais fácil acesso para você.

Os dados obtidos serão gravados e transcritos para posterior análise, e mantidos os sigilos das participantes. Esse material será armazenado, em arquivo, sob os cuidados da pesquisadora Paula Lúcia de Moura Pinto, pelo período de cinco anos, conforme determinação da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Os possíveis riscos decorrentes da participação nessa etapa da pesquisa podem ser desconfortos emocionais ou físicos, pois as participantes irão falar de suas experiências de vida. Caso alguma participante relate qualquer desconforto ou se a pesquisadora observar o surgimento desse tipo de situação, a coleta de dados será interrompida, a participante será convidada a dizer seu desconforto e a indicar se prefere deixar de participar da pesquisa ou se quer continuar podendo optar por finalizar a coleta de dados em outro momento.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso você decida não participar, ou ainda, se desistir de participar

4. Roteiro da Entrevista

Guia de entrevista baseado na história oral

(As perguntas a seguir servirão como guias da entrevista para que sejam contemplados os objetivos do estudo)

1. Me fala um pouco de você:

1.1. Qual é seu nome completo?

1.2. Quando você nasceu? Onde nasceu?

1.3. Onde mora?

1.4. Qual a sua relação com o local onde mora?

1.5. Já morou em outros lugares em Belo Horizonte? Pode falar deles? 1.6. Você é casada?

(explorar se tem relacionamentos afetivos?)

1.7. Como é seus relacionamentos afetivos? Pode falar deles?

1.8. Você se relaciona sexualmente com homens, mulheres ou com os dois? Como isso impacta no seu dia a dia?

1.9. Se tem relacionamentos afetivos perguntar se transitam juntos pela cidade. Quais locais, quais objetivos e se sente acolhida nestes locais.

1.10. Você tem filhos? quantos? Os filhos moram com você?

1.11. Quantas pessoas moram com você? Quem são?

1.12. Você trabalha ou já trabalhou? De que? Como é/era esse trabalho? Aonde fica o trabalho. Você sente ou sentia acolhida no trabalho. Perto ou longe da sua casa. Quanto tempo gasta para chegar no local de trabalho.

1.13. As pessoas que moram com você trabalham? De que? O que você acha do trabalho delas? Trabalham perto de casa ou longe. Quanto tempo gasta para chegar no local de trabalho.

1.14. Você ou outra pessoa que mora com você recebe algum tipo benefício do governo? Qual? SE vive de benefícios, como é viver desta fonte de renda? 1.15. Você tem uma religião, qual? Praticante? Me conta como é? Se já transitou por outras religiões. Se sente acolhida quando frequenta?

1.16. Você estudou/estuda? Até que série? Me fala como é/era na escola? 1.17. Você se considera uma pessoa branca, parda ou negra? Você acha que a cor da sua pele influencia na sua vida, no modo de transitar na cidade. Pode falar sobre isso?

2. Me conta um pouco da sua história de vida, como foi desde de criança até os dias atuais?

3. E o que você gostava de fazer quando era criança?

4. E quando você foi crescendo, como foram suas escolhas? Você teve oportunidade de escolher o que gostava de fazer? O que você desejava nessa época?
5. E hoje como é sua vida? Mudou alguma coisa? Alguma coisa te motiva?
6. Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher, por fazer uso de SPA ou por sua condição financeira? Como foi? Como você se sentiu? isso interferiu no seu dia a dia? Como?
7. Você já deixou de fazer algo ou de estar em algum lugar por ser uma mulher que faz uso de drogas? Como foi? Como você se sentiu?
8. Como você acha que a mulher que faz uso de substâncias é vista na cidade?
9. O que você considera como lazer? Você tem algum lazer? Qual?
10. Quais são os espaços da cidade que você circula? (praças, parques, teatros, cenas de uso, cinema, outros...) quando você passa por estes lugares, sente-se bem vinda? Como você é ou foi tratada?
11. Quanto tempo você faz acompanhamento no CERSAM AD? Realiza alguma atividade de lazer e circulação pela cidade via CERSAM?
12. Você acha que o CERSAM AD contribui para sua circulação na cidade e exercício do lazer?